

BENTO XVI

O PAPA E A UNIVERSIDADE

CADC – Centro Académico de Democracia Cristã

**Coimbra
2010**

Título

O Papa e a Universidade

Organização

João Carlos Loureiro/ CADC – Centro Académico de Democracia Cristã

Agradecimentos

Agradecemos à *Libreria Editrice Vaticana*, na pessoa do seu Director, Prof. D. Giuseppe Costa, sdb, a autorização para a publicação dos discursos incluídos nesta colectânea.

© Copyright Libreria Editrice Vaticana, em relação a todos os discursos. Proibido o seu uso para fins comerciais.

Centro Académico de Democracia Cristã

Couraça de Lisboa, 30

Apartado 3024

3001-401 Coimbra

<http://www.cadc.pt>

cadc@cadc.pt

Telefone 239 822 483

NOTA PRELIMINAR

O Papa e a Universidade é uma colectânea de intervenções de Bento XVI¹ que tem como fio unificador o *objecto* de reflexão – a instituição universitária – e os seus primeiros *destinatários* – professores e estudantes. Discursos *sobre* a Universidade a universitários, tendo como palco – real ou, no caso da romana *Sapienza*, apenas cogitado, por via de alguns (poucos) mandarins universitários que levaram ao cancelamento da visita² –, a Universidade³.

Bento XVI é um universitário na Cátedra de Pedro⁴, um homem de cultura que articula o melhor da tradição de ensino e de investigação da universidade alemã com um diálogo que não se entrincheira na cidadela, mas se abre ao mundo. Tendo percorrido as várias etapas da exigente carreira universitária⁵, Professor em Bona (1959-1963), Münster (1963-1966), Tubinga (1966-1969) e Ratisbona (1969-1977), aliando uma enorme qualidade intelectual e académica, notável profundidade espiritual e a generosidade da partilha do seu salário, apoiando, deste modo, os estudos teológicos de candidatos de países em vias de desenvolvimento, o Papa interpela todos os académicos, crentes ou não, e convida-os a levar a sério a sua missão de universitários. Na Universidade de Ratisbona, assumiu o trabalhoso múnus de Vice-Reitor.

A compilação de escritos de Bento XVI⁶, que convidamos a comunidade universitária e outros interessados a (re)ler, baseia-se numa escolha⁷ de diversas intervenções do Papa, pelo que não integrámos, por exemplo, as intervenções proferidas por ocasião da atribuição do grau de Doutor *honoris causa*, por várias Universidades⁸, ao então Cardeal Joseph Ratzinger. A selecção assenta na relevância intrínseca, a que acresce, no caso do discurso de Ratisbona⁹, o impacto externo, e na especificidade (dirigidos, em primeira linha, a universitários¹⁰) dos escritos, sem prejuízo da importância de outros textos, a começar pelas Encíclicas¹¹, para um aprofundamento do pensamento de Bento XVI sobre a temática em apreço. Dirigindo-se a colectânea a todos os universitários, optámos por não inserir textos centrados, quer na particular responsabilidade das universidades católicas, sem prejuízo de deixarmos pistas de leitura para os interessados¹², quer referentes ao ensino de Teologia nas universidades estatais, como acontece na Alemanha¹³.

Sublinhamos algumas linhas de força dos escritos, nomeadamente:

a) a defesa da razão, num tempo em que os detractores desta acamparam em muitas cátedras, renderam-se a uma lógica do *anything goes* e afirmam já não as dificuldades na procura da verdade, mas a impossibilidade desta, que proclamam arrumada no sótão histórico de poeirentos resíduos metafísicos;

b) uma compreensão alargada e não mutilada e a (re)abertura da razão “aos seus vastos horizontes”, contra “a opinião de que só a razão positivista e as formas de filosofia nela baseadas são universalmente válidas”¹⁴. Ou seja, a lucidez de advertir, não apenas para as “patologias da fé”, mas também para as “patologias da própria razão”¹⁵;

c) a articulação entre razão e fé, que recusa que esta última seja expulsa para o terreno privado dos sentimentos e da emoção, condenada a uma pretensa irracionalidade. No campo específico da Universidade, Bento XVI recorda que o “nascimento das universidades europeias foi fomentado pela convicção de que a fé e a razão devem cooperar na busca da verdade, cada uma respeitando a natureza e a autonomia legítima da outra, mas trabalhando em conjunto, harmoniosa e criativamente, em vista da realização de cada pessoa humana na verdade e no amor”¹⁶.

d) a (re)valorização da verdade, contra o vírus corrosivo, e mesmo – à primeira vista, paradoxalmente – ditatorial, do relativismo¹⁷ que invadiu o Ocidente;

e) a importância da contribuição para um novo humanismo, tomando a sério a virtude da caridade intelectual¹⁸.

Enquanto Professor, o Papa Bento XVI viveu experiência da pertença a uma comunidade de diálogo entre professores e alunos “comprometidos na busca da verdade e na aquisição de competências superiores culturais e profissionais”¹⁹. Comunidade de pessoas livres, chamadas, como ensina S. Paulo²⁰, a examinar tudo, princípio fundamental da liberdade académica²¹.

Do ponto de vista das relações interpessoais, recorda, num contexto de massificação das universidades, que importa não esquecer que estas devem ser “Centro de estudos “à medida do homem”, na qual a pessoa do estudante seja preservada do anonimato e possa cultivar um diálogo fecundo com os professores, obtendo incentivo para o seu crescimento cultural e humano”²².

Incarnando a simplicidade, preferindo a bicicleta e os transportes públicos à sedução do *Alfa Romeo*²³, assumiu a sua intransferível responsabilidade²⁴ pessoal de salvaguarda pela Criação, articulando *theoria* e *praxis*, praticando, já nos seus tempos de Professor, o princípio da sustentabilidade²⁵.

Na proximidade da Visita Papal, somos convidados a reflectir sobre as raízes e a missão da Universidade. Assim, o Centro Académico de Democracia Cristã (CADC) associa-se, com este pequeno contributo, a esta Visita e saúda e agradece a Sua Santidade, o Papa Bento XVI, a alegria do reencontro, após a participação, em Roma, em Junho de 2007, de uma significativa delegação de universitários portugueses, na Audiência Papal concedida aos participantes no *1.º Encontro Europeu de Professores Universitários*.

Possam estes textos ser ponte para o diálogo, caminho de conversão e de amorização das tarefas universitárias, alavanca para uma recompreensão da instituição, reavivar das raízes cristãs da Universidade, impulso para encontrar o tempo paciente e interior da procura da verdade que, no Cristianismo, se diz no registo de um encontro pessoal e amoroso com Jesus Cristo.

Pois *Deus caritas est*.

João Carlos Loureiro

¹ Não há, em português, uma edição que recolha, em termos sistemáticos, os ensinamentos de Bento XVI: v., em língua italiana, os *Insegnamenti di Benedetto XVI*, publicados com a chancela da Libreria Editrice Vaticana. Na sua ausência, regista-se, para além das Encíclicas e da Exortação Apostólica Sacramento da Caridade, Prior Velho, Março de 2007, a publicação de algumas catequeses, colectâneas de pensamentos e outros escritos, indicados na bibliografia em anexo. Recomenda-se também a consulta de http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/index_po.htm.

² Sobre esta questão, v. o comentário de Sua Santidade, depois do *Angelus* de 20 de Janeiro de 2008 (nota: as palavras sublinhadas contêm hiperligações que permitem aceder aos discursos).

³ A excepção é o Discurso do Papa Bento XVI aos participantes no 1.º Encontro Europeu de Professores Universitários (Cidade do Vaticano, 23 de Junho de 2007).

⁴ Sobre o sentido do primado de Pedro, v. o texto de Bento XVI lido no quadro do ciclo catequético dedicado às origens da Igreja: “Pedro, a rocha sobre a qual Cristo fundou a sua Igreja”, in: *Os apóstolos e os primeiros discípulos de Cristo: as origens da Igreja*, Braga, 2008 (orig.: *Gli apostoli e primi discepoli di Cristo: alle origine della Chiesa*, Città del Vaticano, 2008, p. 51-54).

⁵ Doutorou-se com uma tese intitulada *Volk und Haus Gottes in Augustins Lehre von der Kirche*, 1954 (Povo e casa de Deus na doutrina de Agostinho acerca da Igreja); em 1959, o seu escrito de *Habilitation*, intitulado *Die Geschichtstheologie des heiligen Bonaventura*, 1959 (A teologia da história de S. Boaventura). Para a sua vida e obra v., entre nós, centrando-se no pensamento de Bento XVI, Henrique Noronha GALVÃO, *Bento XVI: um pensamento para o nosso tempo*, Lisboa, 2009; noutras línguas, v.,

por exemplo, Pablo BLANCO, *Joseph Ratzinger: razón y cristianismo*, Madrid, 2005; Tracy ROLAND, *Ratzinger's faith: the theology of Pope Benedict XVI*, New York, 2009 (2008); já antes, John L. ALLEN Jr., *Pope Benedict XVI: a biography of Joseph Ratzinger*, London/New York, 2005. Além disso, considerem-se ainda a autobiografia *A minha vida*, Lisboa, 2005, e também as entrevistas a Peter Seewald: *O sal da terra: o cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milénio*, Coimbra, Tenacitas, 2007; e *Deus e o mundo: a fé explicada por Bento XVI*, Tenacitas, Coimbra, 2006.

O leitor de língua portuguesa tem já, ao seu dispor, um conjunto significativo de escritos do teólogo Joseph Ratzinger, como se pode ver na lista bibliográfica publicada em anexo.

⁶ Nos termos da autorização concedida pela *LEV – Libreria Editrice Vaticana*, que agradecemos, são utilizadas as versões oficiais disponibilizadas. Entre nós, Henrique Noronha Galvão traduziu o discurso de Ratisbona [em alemão, Regensburg, acessível no sítio da *Communio* (edição portuguesa)].

⁷ Para além dos indicados noutras notas, vejam-se ainda o Discurso do Papa Bento XVI aos Estudantes Universitários de Roma e da Região do Lácio, de 15 de Dezembro de 2005; o Discurso do Papa Bento XVI durante o Encontro com os Estudantes Universitários de Roma, de 14 de Dezembro de 2006 (http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2006/december/documents/hf_ben_xvi_spe_20061214_universitari_po.html); o Discurso do Papa Bento XVI no Encontro com os Universitários de Roma, 13 de Dezembro de 2007; Discurso do Papa Bento XVI no final do Rosário recitado com os Universitários da Europa e da Ásia, 10 de Março de 2007; Discurso do Papa Bento XVI no Encontro com os Jovens da Federação Universitária Católica Italiana (FUCI), 9 de Novembro de 2007.

⁸ College of St. Thomas in St. Paul (Minnesota, Estados Unidos), em 1984; Universidade Católica de Eichstätt (Alemanha), em 1985; a Universidade Católica de Lima (Perú), em 1986; Universidade Católica de Lublin (Polónia), em 1988; Universidade de Navarra (Pamplona, Espanha), em 1998; Libera Università Maria SS. Assunta (LUMSA) (Roma), em 1999; Faculdade de Teologia da Universidade de Wrocław (Polónia), em 2000.

⁹ O Papa, no Angelus de 17 de Setembro, deu conta da amargura que lhe suscitou a reacção de parte do mundo muçulmano às suas palavras. Veja-se ainda o trecho pertinente na Audiência Geral de 20 de Setembro.

O discurso de Ratisbona, para além da polémica nos meios de comunicação social, esteve na origem de um número considerável de estudos. Para nos limitarmos à Alemanha, vejam-se dois livros: Benedikt XVI, *Glaube und Vernunft: die Regensburger Volesung*, Freiburg/ Basel/ Wien, 2006, com comentários de Gesine Schwan, Adel Theodor Khoury e do Cardeal Karl Lehmann; Knut WENZEL (Hg.), *Die Religionen und die Vernunft: die Debatte um die Regensburger Vorlesung des Papstes*, Freiburg im Breisgau; Bsel; Wien, 2007.

¹⁰ Com efeito, há outros textos que se destinam a educadores em geral, universitários ou não (v.g., Encontro com os educadores católicos – Discurso do Papa Bento XVI, Sala de Conferências da Catholic University of America, Washington, D.C., Quinta-feira, 17 de Abril de 2008.

¹¹ *Deus Caritas est* [*Deus é Amor*]; *Spe Salvi* [*Salvos na Esperança*]; *Caritas in Veritate* [*Caridade na Verdade*]. Alguns estudos sobre estes documentos pontifícios podem ler-se na página do CADC. Será também disponibilizada uma listagem bibliografia relativa a trabalhos sobre a vida e a obra de Bento XVI/Joseph Ratzinger.

¹² Discurso do Papa Bento XVI durante a Visita à Universidade Católica do Sagrado Coração de Roma, no dia 25 de Novembro de 2005); Discurso do Papa Bento XVI durante o Encontro com os Professores e os Estudantes das Universidades Eclesiásticas de Roma, 23 de Outubro de 2006; Discurso do Papa Bento XVI durante a Visita à Pontifícia Universidade Gregoriana, 3 de Novembro de 2006; Discurso do Papa Bento XVI aos Participantes no Congresso organizado pelo Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais nas Universidades Católicas, 23 de Maio de 2008.

¹³ Discurso do Papa Bento XVI a uma Delegação da Faculdade de Teologia da Universidade de Tübingen (Alemanha), 21 de Março de 2007

¹⁴ Cf. a intervenção em Ratisbona, publicada neste volume.

¹⁵ Trata-se de uma questão recorrente em vários dos seus trabalhos: cf., por exemplo, o debate com Jürgen Habermas na Academia Católica na Baviera [ambos os textos estão publicados, entre nós, na revista *Estudos* (2004/3)].

¹⁶ *Discurso do Papa Bento XVI aos participantes no 1.º Encontro Europeu de Professores Universitários*, publicado neste volume.

¹⁷ Trata-se de um *topos* recorrente no pensamento do Papa: v., por exemplo, *Fé, verdade, tolerância: o cristianismo e as grandes religiões do mundo*. Lisboa, Universidade Católica Editora, 2006.

¹⁸ Sobre esta, elemento fundamental na economia do pensamento de Bento XVI, v. Lorenzo LEUZZI (ed.), *La carità intellettuale: percorsi culturali per un nuovo umanesimo. Scritti in onore di Benedetto XVI*, Città del Vaticano, 2007.

¹⁹ Discurso de Pavia, publicado neste volume.

²⁰ 1 Tess. 5, 21.

²¹ Liberdade académica cujo fundamento, como recorda Joseph Ratzinger (*Natureza e missão da teologia*, Petrópolis, 2008, p. 30-31; orig.: *Wesen und Auftrag der Theologie: Versuche zu ihrer Ortbestimmung im Disput der Gegenwart*, Freiburg, 1993), é a própria verdade. Escreve: “[a] pergunta pela liberdade está inseparavelmente ligada à pergunta pela verdade. Quando a verdade deixa de ser um valor em si mesma, quando deixa de ser merecedora de empenho e atenção, o conhecimento som poderá ser avaliado através da utilidade”.

²² *Discurso de Pavia*, cit.

²³ Aludimos aqui a uma obra publicada na Alemanha, sobre as relações entre Joseph Ratzinger e Hans Küng, que foram colegas na Universidade de Tubinga. O primeiro deslocava-se de bicicleta, o último ia para as aulas num *Alfa Romeo*: v. Freddy DERWAHL, *Der mit dem Fahrrad und der mit dem Alfa kam. Benedikt XVI. und Hans Küng - ein Doppelportrait*, 2006. Quanto à utilização de transportes públicos, recorde-se o testemunho do padre António Vaz PINTO (“Apresentação da edição portuguesa”, in: *Deus e o mundo: a fé explicada por Bento XVI*, Tenacitas, Coimbra, 2006, p. 12; também em António Vaz PINTO, *A história de Deus comigo*, Alêtheia, Lisboa, 2006, p. 140).

²⁴ Que Ratzinger considera um dos elementos nucleares da “resposta cristã à interrogação do futuro”: *Europa*, Milano, 2004 (trad.: *Europa: os seus fundamentos hoje e amanhã*, Apelação, 2005, p. 124).

²⁵ Para a densificação deste princípio, numa perspectiva ético-teológica, v. Markus VOGT, *Prinzip Nachhaltigkeit: ein Entwurf aus theologisch-ethischer Perspektive*, München, 2009, tomando a sério a categoria da criação. Num livro (*Im Anfang schuf Gott: Vier München Fastenpredigten über Schöpfung und Fall*, München, 1986; utilizámos a tradução em língua inglesa: “*In the beginning...: a Catholic understanding of creation and fall*, London/ New York, 2005) que resultou da catequese para adultos durante a Quaresma de 1981, na Catedral de Munique (*Liebfrauenkirche*), analisa, no apêndice, as consequências do obscurecimento da doutrina da criação e o seu contributo para o “drama da modernidade” (a Principia, já depois da elaboração desta *Nota Preliminar*, lançou a edição portuguesa do texto).

INTERVENÇÕES

1. *Fé, Razão e Universidade: Memórias e Reflexões* (Ratisbona, 12 de Setembro de 2006)
2. *Discurso do Papa Bento XVI aos participantes no 1.º Encontro Europeu de Professores Universitários* (Cidade do Vaticano, 23 de Junho de 2007)
3. *Discurso do Papa Bento XVI durante o Encontro com a comunidade da Universidade de Pavia* (22 de Abril de 2007)
4. *Discurso do Santo Padre Bento XVI para o Encontro na Universidade de Roma “La Sapienza”* (17 de Janeiro de 2008)

VIAGEM APOSTÓLICA DE SUA SANTIDADE BENTO XVI
A MÜNCHEN, ALTÖTTING E REGENSBURG
(9-14 DE SETEMBRO DE 2006)

ENCONTRO COM OS REPRESENTANTES DAS CIÊNCIAS

DISCURSO DO SANTO PADRE

*Aula Magna da Universidade de Regensburg
Terça-feira, 12 de Setembro de 2006*

Fé, razão e universidade: Recordações e reflexões.

Eminentíssimos Senhores Cardeais,

Magníficos Reitores,

Excelentíssimos Senhores Bispos,

Ilustríssimos Senhores e Senhoras!

Provo grande emoção neste momento em que me encontro de novo na universidade para dar mais uma lição. Ao mesmo tempo, voltam ao pensamento aqueles anos em que, depois dum belo período no Instituto Superior de Frisinga, comecei a minha actividade de professor académico na Universidade de Bona. Estávamos no ano 1959, vigorava ainda na universidade o antigo regime dos professores ordinários. Nas diversas cátedras, não existiam assistentes nem dactilógrafos, mas em contrapartida havia um contacto muito directo com os estudantes e sobretudo entre os professores. Antes e depois das aulas, encontrávamo-nos nas salas dos professores. Os contactos com historiadores, filósofos, filólogos e naturalmente entre as duas faculdades teológicas eram muito estreitos. Uma vez por semestre havia o chamado *dies academicus*, no qual se apresentavam diante dos estudantes de toda a universidade professores de todas as faculdades, tornando assim possível uma experiência de *universitas* – realidade esta a que há pouco se referiu também nas suas palavras, Magnífico Reitor – isto é, a experiência de que, não obstante as múltiplas especializações que por vezes nos tornam incapazes de comunicar entre nós, formamos um todo e trabalhamos no todo da única razão com as suas várias dimensões, encontrando-nos assim unidos também na responsabilidade comum pelo recto uso da razão – esta realidade tornava-se uma experiência viva. A universidade era, sem dúvida, orgulhosa também das suas duas

faculdades teológicas. Via-se claramente que também estas, interrogando-se sobre a razoabilidade da fé, realizam um trabalho que necessariamente faz parte do «todo» que é a *universitas scientiarum*, embora nem todos pudessem partilhar a fé, da qual os teólogos se esforçavam por mostrar a correlação com a razão comum. Esta coesão interior no cosmos da razão nunca foi turbada, nem mesmo certa vez quando correu a notícia de que um dos colegas tinha dito que, na nossa universidade, havia um facto estranho: duas faculdades que se ocupavam duma realidade que não existia, ou seja, de Deus. Ora, mesmo em presença dum cepticismo tão radical, permaneceu indiscutível a convicção de que, no conjunto da universidade, continua a ser necessário e razoável interrogar-se sobre Deus por meio da razão e que isto se deve fazer no contexto da tradição da fé cristã.

Tudo isto me voltou à mente, quando recentemente li a parte – publicada pelo professor Theodore Khoury (Münster) – do diálogo que o douto imperador bizantino Manuel II Paleólogo teve com um persa erudito sobre cristianismo e islão e sobre a verdade de ambos, talvez durante os acampamentos de inverno no ano de 1391 em Ankara¹. Presumivelmente terá sido o próprio imperador que depois, durante o assédio de Constantinopla entre 1394 e 1402, escreveu este diálogo; deste modo se explicaria por que aparecem os seus raciocínios referidos de forma muito mais pormenorizada que os do seu interlocutor persa². O diálogo cobre todo o âmbito das estruturas da fé contidas na Bíblia e no Alcorão, detendo-se principalmente sobre a imagem de Deus e do homem mas também – e repetidamente, como era de esperar – sobre a relação entre as três «Leis» ou três «ordens de vida», como então se designava o Antigo Testamento, o Novo Testamento e o Alcorão. Por agora, nesta lição, não pretendo falar disso; primeiro gostava de acenar brevemente a um assunto – aliás bastante marginal na estrutura de

¹ Da totalidade dos 26 colóquios (διάλεξις – Khoury traduz: controvérsia) que compõem o diálogo («Entretien»), Th. Khoury publicou a 7.^a «controvérsia» com notas e uma ampla introdução sobre a origem do texto, a tradição manuscrita e a estrutura do diálogo, juntamente com breves resumos das «controvérsias» não publicadas; ao texto grego juntou uma tradução francesa: Manuel II Paléologue, *Entretiens avec un Musulman: 7^e Controverse*, Sources Chrétiennes n.º 115 (Paris 1966). Entretanto Karl Förstel publicou, no Corpus Islamico-Christianum (Series Graeca. Redacção A. Th. Khoury – R. Gleis), uma edição greco-alemã comentada do texto: Manuel II Palaiologus, *Dialoge mit einem Muslim*, 3 volumes (Würzburg – Altenberge 1993-1996). Já, em 1966, E. Trapp tinha publicado o texto grego com uma introdução como vol. II dos «Wiener byzantinische Studien». As citações que farei em seguida são tiradas de Khoury.

² Quanto à origem e à redacção do diálogo, veja-se Khoury pp. 22-29; também nas edições de Förstel e Trapp se encontram amplos comentários a tal respeito.

todo o diálogo – que me fascinou no contexto do tema «fé e razão» e vai servir como ponto de partida para as minhas reflexões sobre este tema.

No sétimo colóquio (διάλεξις – controvérsia) publicado pelo Prof. Khoury, o imperador aborda o tema da *jihād*, da guerra santa. O imperador sabia seguramente que, na *sura* 2, 256, lê-se: «Nenhuma coacção nas coisas de fé». Esta é provavelmente uma das *suras* do período inicial – segundo uma parte dos peritos – quando o próprio Maomé se encontrava ainda sem poder e ameaçado. Naturalmente, sobre a guerra santa, o imperador conhecia também as disposições que se foram desenvolvendo posteriormente e se fixaram no Alcorão. Sem se deter em pormenores como a diferença de tratamento entre os que possuem o «Livro» e os «incrédulos», ele, de modo surpreendentemente brusco – tão brusco que para nós é inaceitável –, dirige-se ao seu interlocutor simplesmente com a pergunta central sobre a relação entre religião e violência em geral, dizendo: «Mostra-me também o que trouxe de novo Maomé, e encontrarás apenas coisas más e desumanas tais como a sua norma de propagar, através da espada, a fé que pregava»³. O imperador, depois de se ter pronunciado de modo tão ríspido, passa a explicar minuciosamente os motivos pelos quais não é razoável a difusão da fé mediante a violência. Esta está em contraste com a natureza de Deus e a natureza da alma. Diz ele: «Deus não se compraz com o sangue; não agir segundo a razão – «σὺν λόγῳ» – é contrário à natureza de Deus. A fé é fruto da alma, não do corpo. Por conseguinte, quem desejar conduzir alguém à fé tem necessidade da capacidade de falar bem e de raciocinar correctamente, e não da violência nem da ameaça... Para convencer uma alma racional não é necessário dispor do próprio braço, nem de instrumentos para ferir ou de qualquer outro meio com que se possa ameaçar de morte uma pessoa...»⁴.

Nesta argumentação contra a conversão através da violência, a afirmação decisiva está aqui: não agir segundo a razão é contrário à natureza de Deus⁵. E o editor, Theodore Khoury, comenta: para o imperador, como bizantino que cresceu na filosofia grega, esta

³ Controvérsia VII 2c: Khoury, pp. 142-143; Förstel, vol. I, VII Dialog 1.5, pp. 240-241. Infelizmente, esta citação foi tomada, no mundo muçulmano, como expressão da minha posição pessoal, suscitando assim uma indignação compreensível. Espero que o leitor do meu texto possa depreender imediatamente que esta frase não exprime a minha apreciação pessoal face ao Alcorão, pelo qual nutro o respeito que se deve ao livro sagrado duma grande religião. Eu, ao citar o texto do imperador Manuel II, pretendia unicamente evidenciar a relação essencial entre fé e razão. Neste ponto, estou de acordo com Manuel II, sem contudo fazer minha a sua polémica.

⁴ Controvérsia VII 3b-c: Khoury, pp. 144-145; Förstel, vol. I, VII Dialog 1.6, pp. 240-243.

⁵ Foi unicamente por esta afirmação que citei o diálogo entre Manuel e o seu interlocutor persa. É nesta afirmação que surge o tema das minhas afirmações seguintes.

afirmação é evidente; mas não o é para a doutrina muçulmana, porque Deus é absolutamente transcendente. A sua vontade não está vinculada a nenhuma das nossas categorias, incluindo a da razoabilidade⁶. Neste contexto, Khoury cita uma obra do conhecido islamita francês R. Arnaldez, onde este assinala que Ibn Hazm chega a declarar que Deus nem sequer estaria vinculado à sua própria palavra e que nada O obrigaria a revelar-nos a verdade. Se fosse a sua vontade, o homem deveria inclusive praticar a idolatria⁷.

Aqui gera-se um dilema, na compreensão de Deus e conseqüentemente na realização concreta da religião, que nos desafia hoje de maneira muito directa: a convicção de que o agir contra a razão estaria em contradição com a natureza de Deus, faz parte apenas do pensamento grego ou é válida sempre e por si mesma? Penso que, neste ponto, se manifesta a profunda concordância entre o que é grego na sua parte melhor e o que é a fé em Deus baseada na Bíblia. Modificando o primeiro versículo do livro do Génesis, o primeiro versículo de toda a Sagrada Escritura, João iniciou o prólogo do seu Evangelho com estas palavras: «No princípio era o λόγος». Ora, é precisamente esta a palavra que usa o imperador: Deus age «σὺν λόγῳ», com *logos*. *Logos* significa conjuntamente razão e palavra – uma razão que é criadora e capaz de se comunicar, mas precisamente enquanto razão. Com este termo, João ofereceu-nos a palavra conclusiva para o conceito bíblico de Deus, uma palavra na qual todos os caminhos, muitas vezes cansativos e sinuosos, da fé bíblica alcançam a sua meta, encontram a sua síntese. No princípio era o *logos*, e o *logos* é Deus: diz-nos o evangelista. Este encontro entre a mensagem bíblica e o pensamento grego não era simples coincidência. A visão de São Paulo – quando diante dele se estavam fechando os caminhos da Ásia e, em sonho, viu um macedónio que lhe suplicava: «Passa à Macedónia e vem ajudar-nos!» (cf. Act 16, 6-10) – esta visão pode ser interpretada como a «condensação» da necessidade intrínseca de aproximação entre a fé bíblica e a indagação grega.

Na realidade, há muito tempo que esta aproximação se tinha iniciado. Já, na sarça ardente, o nome misterioso de Deus – que O separa do conjunto das divindades com múltiplos nomes, afirmando d’Ele apenas «Eu sou», o seu ser – apresenta-se, face ao

⁶ Cf. Khoury, *op. cit.*, p. 144, nota 1.

⁷ R. Arnaldez, *Grammaire et théologie chez Ibn Hazm de Cordoue* (Paris 1956) p. 13: cf. Khoury, p. 144. Mais adiante, no desenvolvimento do meu discurso, aludirei ao facto da existência de posições semelhantes na teologia da baixa Idade Média.

mito, como uma contestação, que está em íntima analogia com a tentativa de Sócrates para vencer e superar precisamente o mito⁸. Ora, o processo iniciado na sarça ardente alcança, no âmbito do Antigo Testamento, uma nova maturidade durante o exílio, quando o Deus de Israel, agora privado da Terra e do culto, se anuncia como o Deus do céu e da terra, apresentando-se com uma fórmula simples que prolonga a frase da sarça: «Eu sou». Em paralelo com este novo conhecimento de Deus, cresce uma espécie de iluminismo que se expressa drasticamente na derisão das divindades como sendo apenas obra das mãos do homem (cf. *Sal* 115). Assim, durante a época helenista, a fé bíblica – não obstante o desacordo em toda a sua dureza com os soberanos helenistas que queriam obter pela força a sua adequação ao estilo grego de vida e ao seu culto idolátrico –, estava interiormente caminhando ao encontro da parte melhor do pensamento grego até chegar a um contacto recíproco que se verificou depois especialmente na literatura sapiencial tardia. Sabemos hoje que a tradução grega do Antigo Testamento realizada em Alexandria – a «Setenta» – é mais do que uma simples (no sentido de avaliar de modo pouco positivo) tradução do texto hebraico: de facto, trata-se de um testemunho textual único no seu género e um passo específico e importante da história da Revelação, no qual se realizou de tal forma o referido encontro que acabou por ter um significado decisivo para o nascimento do cristianismo e sua difusão⁹. Trata-se, no fundo, do encontro entre fé e razão, entre iluminismo autêntico e religião. Ora, o imperador Manuel II, verdadeiramente partindo da natureza íntima da fé cristã e, ao mesmo tempo, da natureza do pensamento grego já fundido com a fé, podia dizer: Não agir «com o *logos*» é contrário à natureza de Deus.

Por honestidade, temos de referir aqui que, na teologia da baixa Idade Média, se desenvolveram tendências que rompem esta síntese entre o espírito grego e o espírito cristão. Em contraste com o chamado intelectualismo agostiniano e tomista, Duns Escoto deu início a uma orientação voluntarista que, no termo de sucessivos

⁸ Para a interpretação do episódio da sarça ardente, objecto de ampla discussão, veja-se o meu livro «*Einführung in das Christentum*» (Mónaco 1968), pp. 84-102. Penso que as minhas afirmações lá feitas continuam, não obstante os sucessivos desenvolvimentos do debate, a ser ainda válidas [Nota do organizador: há edição em língua portuguesa da obra, quer no Brasil, quer em Portugal (v. a lista bibliográfica em anexo: 1968; na versão de Henrique Noronha Galvão, chama-se à atenção, quanto à edição portuguesa - *Introdução ao Cristianismo*, S. João do Estoril 2005 –, que as páginas do original alemão correspondem às p. 83-138; quanto ao Brasil, v. *Introdução ao Cristianismo*, Edições Loyola, São Paulo, 2005, p. 87-101. Note-se ainda que, ao contrário do que poderá pensar o leitor português menos familiarizado com o italiano, o local de publicação da obra é Munique e não Mónaco].

desenvolvimentos, havia de levar à afirmação segundo a qual, de Deus, só conheceremos a *voluntas ordinata*. Para além desta, existiria a liberdade de Deus, em virtude da qual Ele teria podido criar e fazer inclusivamente o contrário de tudo o que efectivamente realizou. Vemos esboçarem-se aqui posições próximas, sem dúvida, das de Ibn Hazm e que poderiam levar à imagem dum Deus-Arbítrio, que não está dependente sequer da verdade e do bem. A transcendência e a diversidade de Deus aparecem tão exageradamente acentuadas, que inclusive a nossa razão e o nosso sentido da verdade e do bem deixam de ser um verdadeiro espelho de Deus, cujas possibilidades abismais permaneceriam, para nós, eternamente inatingíveis e ocultas por detrás das suas decisões efectivas. Em contraste com isto, a fé da Igreja sempre se ateve à convicção de que entre Deus e nós, entre o seu eterno Espírito criador e a nossa razão criada, existe uma verdadeira analogia, na qual por certo – como afirma, em 1215, o IV Concílio de Latrão – as diferenças são infinitamente maiores que as semelhanças, mas não até ao ponto de abolir a analogia e a sua linguagem. Deus não se torna mais divino pelo facto de O afastarmos para longe de nós num voluntarismo puro e impenetrável, mas o Deus verdadeiramente divino é aquele Deus que se mostrou como *logos* e, como *logos*, agiu e age cheio de amor em nosso favor. Certamente o amor, como diz Paulo, «ultrapassa» o conhecimento, sendo por isso capaz de apreender mais do que o simples pensamento (cf. Ef 3, 19), mas aquele permanece o amor do Deus-*Logos*, motivo pelo qual o culto cristão, como afirma ainda Paulo, é «λογικη λατρεία» – um culto que está de acordo com o Verbo eterno e com a nossa razão (cf. Rm 12, 1)¹⁰.

A recíproca aproximação interior, a que aludimos, entre a fé bíblica e a indagação a nível filosófico do pensamento grego é um elemento de importância decisiva sob o ponto de vista não só da história das religiões, mas também da história universal – um dado a que estamos obrigados ainda hoje. Considerando tal encontro, não surpreende que o cristianismo, apesar da sua origem e de qualquer desenvolvimento importante no Oriente, tenha no fim de contas encontrado a sua fisionomia historicamente decisiva na

⁹ Cf. A. Schenker, «L'Écriture sainte subsiste en plusieurs formes canoniques simultanées», in: *A interpretação da Bíblia na Igreja. Actas do Simpósio promovido pela Congregação para a Doutrina da Fé* (Cidade do Vaticano 2001), pp. 178-186.

¹⁰ Tratei este tema, de forma mais pormenorizada, no meu livro «*Der Geist der Liturgie. Eine Einführung*» (Friburgo 2000), pp. 38-42 [Nota do organizador: segundo Henrique Noronha Galvão, na edição portuguesa – *Introdução ao espírito da Liturgia*, Lisboa 2006 –, v. p. 34-38; na lista bibliográfica em anexo, vide 2000, havendo também referência à edição brasileira].

Europa. E o mesmo se pode exprimir inversamente: o referido encontro, ao qual depois veio juntar-se o património de Roma, criou a Europa e permanece o fundamento daquilo que, com razão, se pode chamar Europa.

À tese segundo a qual o património grego, criticamente purificado, é uma parte integrante da fé cristã, contrapõe-se a reclamação de deselenização do cristianismo – um pedido que, desde o início da Idade Moderna, tem dominado de modo crescente a pesquisa teológica. Entretanto vendo-o mais de perto, podem-se observar três ondas no programa da deselenização: estas, embora interligadas, são claramente distintas uma da outra nas suas motivações e objectivos¹¹.

Primeiro, a deselenização surge em conexão com os postulados da Reforma do século XVI. Ao considerarem a tradição das escolas teológicas, os reformadores achavam-se perante uma sistematização da fé condicionada totalmente pela filosofia, isto é, uma fé determinada a partir de fora em virtude de um modo de pensar que não derivava dela. Deste modo, a fé apresentava-se, não já como palavra histórica viva, mas como elemento inserido na estrutura dum sistema filosófico. Pelo contrário, a *sola Scriptura* busca a pura forma primordial da fé, tal como se apresenta originariamente na Palavra bíblica. Aparecendo a metafísica como um pressuposto derivado de outra fonte, é necessário libertar dela a fé para fazê-la voltar a ser totalmente ela mesma. Quando Kant afirmou que teve de pôr de lado o pensar para dar espaço à fé, ele procedeu fundado neste programa e com um radicalismo imprevisível para os reformadores. Foi assim que ele ancorou a fé exclusivamente na razão prática, negando-lhe o acesso ao conjunto da realidade.

A teologia liberal dos séculos XIX e XX trouxe uma segunda onda ao programa da deselenização: o seu representante eminente é Adolf von Harnack. Tanto durante o tempo dos meus estudos como nos primeiros anos da minha actividade académica, este programa estava fortemente activo também na teologia católica. Como ponto de partida, utilizava-se a distinção de Pascal entre o Deus dos filósofos e o Deus de Abraão, Isaac e

¹¹ Dentre a vasta literatura sobre este tema da deselenização, apraz-me citar antes de mais: A. Grillmeier, «Hellenisierung-Judaisierung des Christentums als Deutepinzipien der Geschichte des kirchlichen Dogmas», in: Id., *Mit ihm und in ihm. Christologische Forschungen und Perspektiven* (Friburgo 1975) pp. 423-488.

Jacob. Na prelecção que fiz em Bona, no ano de 1959, procurei analisar este assunto¹², e não pretendo retomar aqui por inteiro o discurso. Mas gostaria de tentar pôr em evidência, embora brevemente, a novidade que caracterizava, relativamente à primeira, esta segunda onda de deselenização. Como ideia central temos, em Harnack, o regresso ao Jesus meramente homem e à sua mensagem simples, que viria antes de todas as teologizações e, concretamente, antes das helenizações: tal mensagem simples constituiria o verdadeiro apogeu do desenvolvimento religioso da humanidade. Jesus teria deixado de lado o culto em favor da moral. Em última análise, Ele é representado como pai duma mensagem moral humanitária. O objectivo de Harnack é fundamentalmente trazer o cristianismo à harmonia com a razão moderna, libertando-o precisamente de elementos aparentemente filosóficos e teológicos, como, por exemplo, a fé na divindade de Cristo e na trindade de Deus. Neste sentido, a exegese histórico-crítica do Novo Testamento, com esta sua visão, insere novamente a teologia no cosmos da universidade: para Harnack, a teologia é essencialmente algo de histórico e por conseguinte de estritamente científico. O que ela indaga, por meio da crítica, sobre Jesus é, por assim dizer, expressão da razão prática e consequentemente sustentável também no conjunto da universidade. No fundo, temos a autolimitação moderna da razão, com a sua expressão clássica na «críticas» de Kant, mas ulteriormente radicalizada pelo pensamento das ciências naturais. Em poucas palavras, este conceito moderno da razão baseia-se numa síntese entre platonismo (cartesianismo) e empirismo, que o sucesso técnico confirmou. Por um lado, pressupõe-se a estrutura matemática da matéria, por assim dizer a sua racionalidade intrínseca, que torna possível compreendê-la e usá-la na sua eficácia operacional: este pressuposto básico é, por assim dizer, o elemento platónico no conceito moderno da natureza. Por outro lado, trata-se da utilização funcional da natureza para as nossas finalidades, onde só a possibilidade de controlar verdade ou falsidade através da experiência é que fornece a certeza decisiva. O peso entre os dois pólos pode, segundo as circunstâncias, oscilar para um lado ou outro. Um pensador estritamente positivista como J. Monod declarava-se um platónico convicto.

Isto encerra duas orientações fundamentais e decisivas para a nossa questão. Só o tipo de certeza que deriva da sinergia entre matemática e experiência nos permite falar de

¹² Foi publicada de novo e comentada por Heino Sonnemanns: Joseph Ratzinger–Benedikt XVI, *Der Gott des Glaubens und der Gott der Philosophen. Ein Beitrag zum Problem der theologia naturalis*, Johannes-Verlag Leutesdorf, 2.^a edição aumentada, 2005 [Nota do organizador: desconhecemos a existência de

cientificidade. Tudo o que pretenda ser ciência deve confrontar-se com este critério. E assim as ciências que dizem respeito à realidade humana, como a história, a psicologia, a sociologia e a filosofia, procuravam também aproximar-se deste cânone da cientificidade. Entretanto, para as nossas reflexões, é ainda importante o facto de o método como tal excluir o problema de Deus, apresentando-o como problema acientífico ou pré-científico. Mas, aqui estamos perante uma redução do espaço próprio da ciência e da razão, facto este que é obrigatório pôr em questão.

Voltarei mais adiante ao assunto. Por agora, basta ter presente que, numa tentativa de conservar, segundo esta perspectiva, o carácter de disciplina «científica» na teologia, do cristianismo restaria apenas um mísero fragmento. E mais grave ainda: se a ciência no seu conjunto é apenas isto, desse modo então o próprio homem sofre uma redução. Porque nesse caso as questões propriamente humanas, isto é, «donde venho» e «para onde vou», as questões da religião e do *ethos* não podem ter lugar no espaço da razão comum, tal como a descreve uma «ciência» assim entendida, devendo ser transferidas para o âmbito do subjectivo. O sujeito decide, com base nas suas experiências, o que lhe parece religiosamente sustentável, e a «consciência» subjectiva torna-se em última análise a única instância ética. Desta forma, porém, o *ethos* e a religião perdem a sua força de criar uma comunidade e caem no âmbito da discricionariedade pessoal. Trata-se duma condição perigosa para a humanidade: constatamo-lo nas patologias que ameaçam a religião e a razão – patologias que devem necessariamente eclodir quando a razão fica a tal ponto limitada que as questões da religião e do *ethos* deixam de lhe dizer respeito. O que resta das tentativas de construir uma ética partindo das regras da evolução ou da psicologia e da sociologia, é simplesmente insuficiente.

Antes de chegar às conclusões para as quais tende todo este raciocínio, devo ainda aludir, brevemente, à terceira onda de deselenização que se difunde actualmente. Em ordem ao encontro das culturas na sua multiplicidade, facilmente se ouve hoje dizer que a síntese realizada na Igreja Antiga com o helenismo teria sido uma primeira inculturação, que não deveria vincular as outras culturas. Mas, estas deveriam ter o direito de remontar até à etapa anterior a tal inculturação para aí descobrirem a mensagem pura e simples do Novo Testamento e, depois, inculturá-la novamente nos respectivos ambientes. Esta tese não é errada de todo; mas é superficial e imprecisa. É

tradução em língua portuguesa, mas existe edição em língua castelhana: *El Dios de la Fe y el Dios de los*

que o Novo Testamento foi escrito em língua grega e traz no seu seio o contacto com o espírito grego – um contacto já maturado anteriormente no decurso do Antigo Testamento. Existem, sem dúvida, elementos no processo formativo da Igreja Antiga que não devem ser integrados em todas as culturas. Mas, decisões de fundo, como as que se referem precisamente à relação da fé com a busca da razão humana, fazem parte da própria fé, constituem o seu crescimento, de acordo com a sua natureza.

Dito isto, chego à conclusão. Esta tentativa, feita apenas em linhas gerais, de crítica da razão moderna a partir do seu interior não inclui de forma alguma a opinião de que agora se deva voltar atrás, para antes do iluminismo, rejeitando as convicções da Idade Moderna. Tudo o que é válido no desenvolvimento moderno do espírito, há-de ser reconhecido sem reservas: todos nos sentimos agradecidos pelas grandiosas possibilidades que isso abriu ao homem e pelos progressos que nos foram proporcionados no campo humano. Aliás, o *ethos* da cientificidade – como acenava nas suas palavras, Magnífico Reitor – é vontade de obediência à verdade e, conseqüentemente, expressão duma atitude que faz parte das decisões essenciais do espírito cristão. Portanto, a intenção não é retirada, nem crítica negativa; pelo contrário, trata-se de um alargamento do nosso conceito de razão e do seu uso. Porque, juntamente com toda a alegria face às possibilidades do homem, vemos também as ameaças que resultam destas mesmas possibilidades e devemos perguntar-nos como poderemos dominá-las. Consegui-lo-emos apenas se razão e fé voltarem a estar unidas duma forma nova; se superarmos a limitação autodecretada da razão ao que é verificável na experiência, e lhe abrirmos de novo toda a sua amplitude. Neste sentido, a teologia não só enquanto disciplina histórica e humano-científica, mas como verdadeira e própria teologia, ou seja, como indagadora da razão da fé, deve ter o seu lugar na universidade e no amplo diálogo das ciências.

Só assim nos tornamos capazes também de um verdadeiro diálogo das culturas e das religiões – um diálogo de que temos necessidade muito urgente. No mundo ocidental, é largamente dominante a opinião de que são universais apenas a razão positivista e as formas de filosofia dela derivadas. Mas, as culturas profundamente religiosas do mundo vêm, precisamente nesta exclusão do divino da universalidade da razão, um ataque às suas convicções mais íntimas. Uma razão, que diante do divino é surda e repele a

Filósofos, Ediciones Encuentro, Madrid, 2006].

religião para o âmbito das subculturas, é incapaz de inserir-se no diálogo das culturas. E no entanto a razão moderna, própria das ciências naturais, com a sua dimensão platónica intrínseca traz consigo, como procurei demonstrar, uma questão que a transcende a ela juntamente com as suas possibilidades metódicas. Ela própria tem simplesmente de aceitar a estrutura racional da matéria e a correspondência entre o nosso espírito e as estruturas racionais operativas na natureza como um dado de facto, sobre o qual se baseia o seu percurso metódico. Mas, a pergunta sobre o porquê deste dado de facto existe e deve ser confiada pelas ciências naturais a outros níveis e modos do pensar – à filosofia e à teologia. Para a filosofia e, de maneira diferente, para a teologia, a escuta das grandes experiências e convicções das tradições religiosas da humanidade, especialmente da fé cristã, constitui uma fonte de conhecimento; recusá-la significaria uma inaceitável redução do nosso escutar e responder. Isto traz-me à mente uma frase de Sócrates a Fédon; nos colóquios anteriores tinham sido citadas muitas opiniões filosóficas erradas, e então Sócrates diz: «Seria facilmente compreensível que alguém, irritado por causa de tantas coisas erradas, detestasse pelo resto da sua vida todo e qualquer discurso sobre o ser, ou o denegrisse. Mas, desta forma, perderia a verdade do ser e sofreria um grande dano»¹³. Ora, desde há muito tempo que o ocidente vive ameaçado por esta aversão contra as questões fundamentais da sua razão, mas o único resultado seria sofrer um grande dano. A coragem de abrir-se à vastidão da razão, e não a rejeição da sua grandeza – tal é o programa pelo qual uma teologia comprometida na reflexão sobre a fé bíblica entra no debate do tempo actual. «Não agir segundo razão, não agir com o *logos*, é contrário à natureza de Deus», disse Manuel II, partindo da sua imagem cristã de Deus, ao interlocutor persa. É a este grande *logos*, a esta vastidão da razão que convidamos os nossos interlocutores no diálogo das culturas. Reencontrá-la nós mesmos sempre de novo, é a grande tarefa da universidade.

© Copyright 2006 – Libreria Editrice Vaticana

¹³ 90 c-d. A propósito deste texto, veja-se também R. Guardini, *Der Tod des Sokrates*. (Mainz-Paderborn 1987) pp. 218-221.

**DISCURSO DO PAPA BENTO XVI
AOS PARTICIPANTES NO 1º ENCONTRO
EUROPEU DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS**

Sábado, 23 de Junho de 2007

Eminência

Ilustres Senhoras e Senhores

Queridos amigos

Estou particularmente feliz por vos dar as boas-vindas, durante o primeiro Encontro Europeu de Professores Universitários, patrocinado pelo Conselho das Conferências Episcopais Europeias, organizado pelos Docentes das Universidades romanas e coordenado pelo Departamento para a Pastoral Universitária, do Vicariato de Roma.

Este encontro está a realizar-se durante o 50.º aniversário do Tratado de Roma, que deu origem à actual União Europeia, e entre os seus participantes contam-se professores universitários provenientes de todos os países do continente, inclusive os do Cáucaso: Arménia, Geórgia e Azerbaijão. Estou grato ao Cardeal Péter Erdo, Presidente do Conselho das Conferências Episcopais Europeias, pelas suas amáveis palavras de introdução. Saúdo os representantes do governo italiano, de maneira particular os do Ministério da Universidade e da Pesquisa, e do Ministério do Património Cultural Nacional, assim como os representantes da Região do Lácio e a Província e da Cidade de Roma. Dirijo as minhas saudações também às demais autoridades civis e religiosas, aos reitores e aos professores das várias universidades, bem como os capelães e os estudantes presentes.

O tema do vosso encontro "*Um novo humanismo para a Europa. O papel das universidades*" convida a uma cuidadosa consideração sobre a cultura contemporânea do continente. Actualmente, a Europa está a experimentar uma certa instabilidade social e uma determinada desconfiança em relação aos valores tradicionais. Todavia, a sua ilustre história e as suas instituições académicas bem fundadas tem uma grande contribuição a oferecer para a formação de um futuro de esperança.

A "questão do homem", fulcral para os vossos debates, é essencial para uma correcta compreensão dos correntes processos culturais. Ela oferece também um sólido ponto de partida para o esforço envidado pelas universidades, em vista de criar uma renovada

presença e actividade cultural ao serviço de uma Europa mais unida. Com efeito, a promoção de um novo humanismo exige uma clara compreensão daquilo que esta "novidade" realmente encarna. Então, longe de constituir o fruto de um superficial desejo de novidade, a busca de um novo humanismo deve ter em séria consideração o facto de que, hoje, a Europa está a passar por uma mudança cultural maciça, em que os homens e as mulheres se tornam cada vez mais conscientes da sua vocação a comprometer-se de maneira activa na formação da história que lhes é própria. Sob o ponto de vista histórico, foi na Europa que se desenvolveu o humanismo, graças à fecunda interacção entre as diversificadas culturas das respectivas populações e a fé crista. Hoje, a Europa tem necessidade de conservar a sua autêntica tradição e de voltar a apropriar-se da mesma, se quiser permanecer fiel à sua vocação de berço do humanismo.

A presente mudança cultural é frequentemente vista como um "desafio" para a cultura da universidade e para a própria Cristandade, e não tanto um "horizonte", perante o qual podem e devem encontrar-se soluções criativas. Como homens e mulheres de educação superior, vós sois chamados a participar nesta tarefa exigente, que requer uma intensa reflexão sobre um bom número de problemáticas fundamentais.

Entre elas, gostaria de mencionar a necessidade de um estudo compreensivo sobre a crise da modernidade. Nos últimos séculos, a cultura europeia tem sido poderosamente condicionada pela noção de modernidade. Contudo, a presente crise tem menos a ver com a insistência da própria modernidade a respeito da centralidade do homem e das suas solitudes, do que com os problemas levantados por um "humanismo" que reivindica a construção de um *regnum hominis* desvinculado do seu necessário fundamento ontológico. Uma falsa dicotomia entre o teísmo e o autêntico humanismo, impelido ao extremo de criar um conflito irreconciliável entre a lei divina e a liberdade humana, tem levado a uma situação em que a humanidade, em virtude de todos os seus progressos económicos e técnicos, se sente profundamente ameaçada. Como afirmava o meu Predecessor, Papa João Paulo II, temos necessidade de nos interrogarmos: "se o homem, enquanto homem, no contexto deste progresso, se torna verdadeiramente melhor, isto é, mais amadurecido espiritualmente, mais consciente da dignidade da sua humanidade, mais responsável, mais aberto aos outros" ([*Redemptor hominis*](#), 15). O antropocentrismo que caracteriza a modernidade nunca pode desvincular-se do

reconhecimento de toda a verdade acerca do homem, o que inclui também a sua vocação transcendente.

Uma segunda questão está relacionada com a abertura da compreensão que temos acerca da racionalidade. O correcto entendimento dos desafios apresentados pela cultura contemporânea e a formulação de respostas significativas a tais desafios devem aproximar-se de maneira crítica das tentativas insuficientes e, em última análise, irracionais de limitar a finalidade da razão. Pelo contrário, o conceito de razão tem necessidade de ser "ampliado", para ser capaz de explorar e de incluir os aspectos da realidade que vão além daquilo que é puramente empírico. Isto há-de permitir uma abordagem mais frutuosa e complementar da relação entre fé e razão. O nascimento das universidades europeias foi fomentado pela convicção de que a fé e a razão devem cooperar na busca da verdade, cada uma respeitando a natureza e a autonomia legítima da outra, mas trabalhando em conjunto, harmoniosa e criativamente, em vista da realização de cada pessoa humana na verdade e no amor.

Um terceiro assunto que tem necessidade de ser investigado diz respeito à natureza da contribuição que a Cristandade é capaz de oferecer para o humanismo do futuro. A questão do homem, e portanto da modernidade, desafia a Igreja a identificar formas eficazes de proclamar à cultura contemporânea o "realismo" da sua fé na palavra salvífica de Cristo. A Cristandade não pode ser relegada para o mundo do mito e da emoção, mas há-de ser respeitada na sua aspiração por iluminar a questão relativa à verdade sobre o homem, para poder transformar espiritualmente os homens e as mulheres e, desta forma, torná-los capazes de cumprir a sua vocação na história. Na minha recente viagem ao Brasil, dei voz à minha convicção de que, "se não conhecermos Deus em e com Cristo, toda a realidade se tornará um enigma indecifrável" ([*Discurso aos Bispos do CELAM*](#), n. 3). A ciência jamais pode limitar-se meramente ao saber intelectual; pois ela inclui também uma renovada capacidade de observar as coisas de uma maneira livre de preconceitos e de superstições, e de permitir que fiquemos "admirados" com a realidade, cuja verdade pode ser descoberta mediante a união entre a compreensão e o amor. Somente Deus dotado de um rosto humano, que se revelou em Jesus Cristo, pode impedir que ponhamos um limite à realidade, precisamente no momento em que ela exige níveis de entendimento cada vez mais

novos e mais elaborados. A Igreja está consciente da responsabilidade que tem de oferecer esta contribuição para a cultura contemporânea.

Tanto na Europa como noutras regiões, a sociedade tem a urgente necessidade de se colocar ao serviço da sabedoria, oferecida pela comunidade universitária. Este serviço inclui também os aspectos práticos da orientação da pesquisa e da actividade para a promoção da dignidade humana e para a exigente tarefa de construir a civilização do amor. De maneira particular, os professores universitários são chamados a encarnar a virtude da caridade intelectual, resgatando assim a sua vocação primordial de formar as futuras gerações, não apenas mediante a transmissão do saber, mas inclusive através do testemunho profético da sua própria vida. Por sua vez, a universidade nunca pode perder de vista a sua especial vocação a ser uma "*universitas*", em que as diversificadas disciplinas cada qual à maneira que lhe é própria sejam consideradas como partes de um grandioso *unum*. Como é urgente voltar a descobrir a unidade do saber e contrastar a tendência à fragmentação e à falta de comunicabilidade, que é demasiado frequente no caso das nossas escolas! O esforço envidado a fim de reconciliar o impulso à especialização e a necessidade de conservar a unidade do saber podem encorajar o crescimento da unidade europeia e contribuir para levar o continente a descobrir novamente a sua "vocação" no mundo contemporâneo.

Somente uma Europa consciente da sua própria identidade cultural pode oferecer uma contribuição específica para outras culturas, permanecendo ao mesmo tempo aberta à contribuição dos outros povos.

Estimados amigos, formulo votos a fim de que as universidades se tornem comunidades cada vez mais comprometidas na busca incansável da verdade, "laboratórios de cultura" em que os professores e os estudantes trabalhem em conjunto, investigando questões de particular importância para a sociedade, recorrendo a métodos interdisciplinares e contando com a colaboração dos teólogos. Isto pode ser facilmente realizado na Europa, considerando a presença de um número tão elevado de instituições e de faculdades de teologia católicas. Estou convicto de que uma maior cooperação e renovadas formas de colaboração entre as várias comunidades académicas poderão tornar as universidades católicas capazes de dar testemunho da fecundidade do encontro entre fé e razão. O resultado constituirá uma contribuição concreta em vista da consecução das finalidades do chamado Processo de Bolonha, além de um incentivo para o desenvolvimento de um

apostolado universitário oportuno, no seio das Igrejas locais. Uma contribuição efectiva para estes esforços, que representam cada vez mais uma preocupação para as Conferências Episcopais Europeias (cf. [*Ecclesia in Europa*](#), 58-59), pode derivar das associações e dos movimentos eclesiais já comprometidos no apostolado universitário.

Caros amigos, formulo votos para que as vossas deliberações durante estes dias possam ser fecundas e ajudar a construir uma rede activa de agentes universitários, comprometidos em transmitir a luz do Evangelho à cultura contemporânea. Asseguro-vos, assim como às vossas famílias, uma especial lembrança nas minhas orações, enquanto invoco sobre vós e sobre as universidades em que desempenhais o vosso trabalho, a salvaguarda materna de Maria, Sede da Sabedoria. A cada um de vós concedo, afectuosamente, a minha Bênção Apostólica.

© Copyright 2007 – Libreria Editrice Vaticana

VISITA PASTORAL DO SANTO PADRE A VIGEVANO E PAVIA

***DISCURSO DO PAPA BENTO XVI
DURANTE O ENCONTRO COM A COMUNIDADE
DA UNIVERSIDADE DE PAVIA***

Domingo, 22 de Abril de 2007

Magnífico Reitor

Ilustres Professores

Queridos estudantes!

A minha visita pastoral a Pavia, mesmo sendo breve, não podia deixar de prever uma paragem nesta Universidade, que constitui há séculos um elemento caracterizante da vossa cidade. Portanto, sinto-me feliz por me encontrar no meio de vós para este encontro ao qual atribuo particular valor, vindo também eu do mundo académico. Saúdo com cordial deferência os professores e, em primeiro lugar, o Reitor, Prof. Angiolino Stella, ao qual agradeço as gentis palavras que me dirigiu. Saúdo os estudantes, em especial o jovem que se fez porta-voz dos sentimentos dos outros universitários. Fortaleceu-me na coragem na dedicação à verdade, na coragem de procurar além dos limites do conhecido, de não se render à debilidade da razão. E estou muito grato por estas palavras. Faço o meu pensamento de bons-votos extensivo também a quantos fazem parte da vossa comunidade académica e não puderam estar aqui presentes hoje.

A vossa é uma das mais antigas e ilustres Universidades italianas, e conta repito quanto já disse o Magnífico Reitor entre os professores que a honraram personalidades como Alessandro Volta, Camillo Golgi e Carlo Forlanini. Apraz-me recordar também que passaram pelo vosso Ateneu professores e estudantes que se distinguiram por um eminente nível espiritual. Eles foram Michele Ghislieri, que foi depois Papa São Pio V, São Carlos Borromeu, Santo Alexandre Sauli, São Riccardo Pampuri, Santa Gianna Beretta Molla, o beato Contardo Ferrini e o servo de Deus Teresio Olivelli.

Queridos amigos, cada Universidade tem uma originária vocação comunitária: de facto, ela é precisamente uma *universitas*, uma comunidade de professores e estudantes comprometidos na busca da verdade e na aquisição de competências superiores culturais

e profissionais. A centralidade da pessoa e a dimensão comunitária são dois polos co-essenciais para uma válida orientação da *universitas studiorum*. Cada Universidade deveria conservar sempre a fisionomia de um Centro de estudos "à medida do homem", na qual a pessoa do estudante seja preservada pelo anonimato e possa cultivar um diálogo fecundo com os professores, obtendo incentivo para o seu crescimento cultural e humano.

Desta orientação provêm algumas aplicações relacionadas entre si. Antes de tudo, não há dúvida que só pondo no centro a pessoa e valorizando o diálogo e as relações interpessoais pode ser superada a fragmentação especialista das disciplinas e recuperada a perspectiva unitária do saber. As disciplinas tendem natural, e também justamente, para a especialidade, enquanto a pessoa tem necessidade de unidade e de síntese. Em segundo lugar, é de importância fundamental que o compromisso da pesquisa científica se possa abrir à pergunta existencial de sentido para a própria vida da pessoa. A pesquisa tende para o conhecimento, enquanto a pessoa precisa também da sabedoria, isto é, daquela ciência que se expressa no "saber-viver". Em terceiro lugar, só valorizando a pessoa e as relações interpessoais a relação didáctica pode tornar-se relação educativa. Um caminho de maturação humana. De facto, a estrutura privilegia a comunicação, enquanto as pessoas aspiram pela partilha.

Sei que esta atenção à pessoa, à sua experiência integral de vida e à sua propensão para a comunhão está muito presente na acção pastoral da Igreja de Pavia em âmbito cultural. Disto dão testemunho a obra dos Colégios universitários de inspiração cristã. Entre eles, também eu gostaria de recordar o Colégio Borromeu, querido por São Carlos Borromeu com Bula de fundação do Papa Pio IV e o Colégio Santa Catarina, fundado pela Diocese de Pavia por vontade do Servo de Deus Paulo VI com contribuição determinante da Santa Sé. Neste sentido, é importante também a obra das paróquias e dos movimentos eclesiais, em particular do Centro Universitário Diocesano e da F.U.C.I.: a sua actividade destina-se a acolher a pessoa na sua globalidade, a propor caminhos harmoniosos de formação humana, cultural e cristã, a oferecer espaços de partilha, de confronto e de comunhão. Gostaria de aproveitar esta ocasião para convidar os estudantes e os professores a não se sentirem apenas objecto de atenção pastoral, mas a participar activamente e a oferecer o seu contributo para o projecto cultural de inspiração cristã que a Igreja promove na Itália e na Europa.

Queridos amigos, ao encontrar-me convosco vem espontâneo pensar em Santo Agostinho, co-padroeiro desta Universidade juntamente com Santa Catarina de Alexandria. O percurso existencial e intelectual de Agostinho testemunha a fecunda interação entre fé e cultura. Santo Agostinho era um homem animado por um desejo incansável de encontrar a verdade, de encontrar o que é a vida, de saber como viver, de conhecer o homem. E precisamente devido à sua paixão pelo homem necessariamente procurou Deus, porque só na luz de Deus também a grandeza do homem, a beleza da aventura de ser homem, pode sobressair plenamente. Este Deus inicialmente parecia-lhe muito distante. Depois encontrou-o: este Deus grande, inacessível, fez-se próximo, fez-se um de nós. O grande Deus é o nosso Deus, é um Deus com um rosto humano. Assim a fé em Cristo não pôs fim à sua filosofia, à sua audácia intelectual, mas, ao contrário, estimulou-o ulteriormente a procurar as profundezas do ser homem e a ajudar os outros a viver bem, a encontrar a vida, a arte de viver. Isto era para ele a filosofia: saber viver, com toda a razão, com toda a profundidade do nosso pensamento, da nossa vontade, e deixar-se guiar pelo caminho da verdade, que é um caminho de coragem, de humildade, de purificação permanente. A fé em Cristo deu cumprimento a toda a pesquisa de Agostinho. Cumprimento, todavia, no sentido que ele permaneceu sempre a caminho. Aliás, diz-nos: também na eternidade a nossa busca não terá terminado, será uma aventura eterna descobrir novas grandezas, novas belezas. Ele interpretou a palavra do Salmo "procurai sempre o seu rosto" e disse: isto é válido para a eternidade; e a beleza da eternidade consiste no facto de ela não ser uma realidade estática, mas um progresso imenso na beleza imensa de Deus. Assim podia encontrar Deus como a razão fundante, mas também como o amor que nos abraça, nos guia e dá sentido à história e à nossa vida pessoal.

Esta manhã tive a ocasião de dizer que este amor a Cristo deu forma ao seu compromisso pessoal. De uma vida concentrada na busca, ele passou para uma vida totalmente doada a Cristo e desta forma, a uma vida para o próximo. Descobriu foi esta a sua *segunda conversão* que se converter a Cristo significa não viver para si, mas estar realmente ao serviço de todos. Santo Agostinho seja para nós, precisamente também para o mundo académico, modelo de diálogo entre a razão e a fé, modelo de um diálogo amplo, o único que pode procurar a verdade e também a paz. Como escreveu o meu venerado Predecessor João Paulo II na Encíclica *Fides et ratio*, "o Bispo de Hipona conseguiu elaborar a primeira grande síntese do pensamento filosófico e teológico, nela

confluindo correntes dos pensamentos grego e latino. Também nele a grande unidade do saber, que tinha o seu fundamento no pensamento bíblico, acabou por ser confirmada e sustentada pela profundidade do pensamento especulativo" (n. 40). Invoco portanto a intercessão de Santo Agostinho para que a Universidade de Pavia se distinga sempre por uma especial atenção à pessoa, por uma acentuada dimensão comunitária na pesquisa científica e por um fecundo diálogo entre fé e cultura. Agradeço-vos a vossa presença e, desejando o melhor para os vossos estudos, concedo a todos a minha Bênção, fazendo-a extensiva aos vossos familiares e às pessoas que vos são queridas.

© Copyright 2007 – Libreria Editrice Vaticana

**DISCURSO DO SANTO PADRE BENTO XVI
PARA O ENCONTRO NA UNIVERSIDADE DE ROMA
"LA SAPIENZA"**

O texto que o Papa Bento XVI teria lido durante a visita à Universidade de Roma "La Sapienza", prevista para o dia 17 de Janeiro, depois anulada em 15 de Janeiro de 2008:

*Magnífico Reitor
Excelentíssimas Autoridades
políticas e civis
Ilustres professores
e pessoal técnico-administrativo,
Queridos jovens estudantes!*

É para mim motivo de profunda alegria encontrar-me com a comunidade da "Sapienza Universidade de Roma", por ocasião da inauguração do ano académico. Há séculos que esta Universidade marca o caminho e a vida da cidade de Roma, fazendo frutificar as melhores energias intelectuais em cada campo do saber. Depois da fundação querida pelo Papa Bonifácio VIII, a instituição, quer no período em que dependia directamente da Autoridade eclesiástica, quer sucessivamente, quando o *Studium Urbis* se desenvolveu como instituição do Estado Italiano, a vossa comunidade académica manteve um grande nível científico e cultural, que a coloca entre as mais prestigiosas universidades do mundo. Desde sempre, a Igreja de Roma tem olhado com simpatia e admiração para este centro universitário, reconhecendo o seu empenho, por vezes árduo e cansativo, de investigação e de formação das novas gerações. Nestes últimos anos, não faltaram momentos significativos de colaboração e diálogo. Apraz-me recordar, de modo particular, o Encontro Mundial dos Reitores, por ocasião do Jubileu das Universidades, que viu a vossa comunidade ocupar-se não apenas do acolhimento e da organização, mas também e sobretudo da proposta profética e complexa que era a elaboração de um "novo humanismo para o terceiro milénio".

Nesta circunstância, começo por expressar a minha gratidão pelo convite que me foi dirigido para falar à vossa universidade. Com esta perspectiva em mente, pus-me antes de tudo esta pergunta: O que é que pode e deve dizer um Papa numa ocasião como

esta? Na minha prelecção em Ratisbona, falei certamente como Papa mas fi-lo sobretudo enquanto ex-professor daquela minha universidade, procurando unir lembranças e actualidade. Mas, à universidade "Sapienza", a antiga universidade de Roma, fui convidado a vir precisamente como Bispo de Roma e, por isso, devo falar enquanto tal. Sem dúvida, outrora a "Sapienza" era a universidade do Papa, mas hoje é uma universidade laica com aquela autonomia que, na base do seu próprio conceito constituinte, sempre fez parte da natureza da universidade, que deve estar vinculada exclusivamente à autoridade da verdade. Na sua liberdade de autoridades políticas e eclesiásticas, a universidade encontra a sua função particular, nomeadamente na sociedade moderna, que tem necessidade de uma instituição deste género.

Volto à minha pergunta inicial: O que é que pode e deve dizer o Papa no encontro com a universidade da sua cidade? Reflectindo sobre esta questão, pareceu-me que a mesma incluísse outras duas, cujo esclarecimento por si mesmo havia de levar à resposta. Com efeito, é necessário interrogar-se: Qual é a natureza e a missão do Papado? E ainda: Qual é a natureza e a missão da universidade? Não quero aqui demorar-vos, a vós e a mim, com prolongadas indagações sobre a natureza do Papado. Uma breve menção é suficiente. O Papa é primariamente Bispo de Roma e como tal, em virtude da sucessão do Apóstolo Pedro, detém uma responsabilidade episcopal por toda a Igreja Católica. A palavra "bispo" - *episkopos*, cujo significado imediato é o de "sentinela", já no Novo Testamento se fundiu com o conceito bíblico de Pastor: é alguém que olha o conjunto de um ponto de observação mais elevado, cuidando do recto caminho e da coesão da totalidade. Neste sentido, tal designação da sua missão aponta antes de mais para o interior da comunidade crente. O Bispo o Pastor é o homem que tem cuidado desta comunidade; é aquele que a conserva unida, mantendo-a no caminho para Deus, que foi indicado, segundo a fé cristã, por Jesus e não somente indicado: Ele mesmo é, para nós, o caminho. Mas, esta comunidade da qual o Bispo se ocupa seja ela grande ou pequena vive no mundo; as suas condições, o seu caminho, o seu exemplo e a sua palavra influem, inevitavelmente, sobre o resto da comunidade humana inteira. Quanto maior ela for, mais a sua condição salutar ou então uma eventual degradação se repercute no conjunto da humanidade. Salta hoje aos nossos olhos, com grande clareza, como as condições das religiões e como a situação da Igreja as suas crises e as suas renovações influem no conjunto da humanidade. Assim o Papa, precisamente como Pastor da sua

comunidade, foi-se tornando cada vez mais também uma voz da razão ética da humanidade.

Porém, aqui levanta-se imediatamente uma objecção, ou seja, que o Papa, de facto, não falaria verdadeiramente com base na razão ética, mas tiraria as suas conclusões da fé e, por isso, não poderia pretender a validade das mesmas para quantos não partilham desta fé. Havemos ainda de voltar a este tema, deixando-o por agora porque se levanta aqui a questão absolutamente fundamental: O que é a razão? Como pode uma afirmação sobretudo uma norma moral demonstrar-se "razoável"? Aqui gostaria, brevemente apenas, de relevar que John Rawls, embora negando às doutrinas religiosas compreensivas o carácter da razão "pública", todavia vê na sua razão "não pública" pelo menos uma razão que não poderia, em nome de uma racionalidade secularizadamente insensível, ser simplesmente desconhecida por aqueles que a defendem. Para além do mais, ele vê um critério desta razoabilidade no facto de tais doutrinas derivarem de uma tradição responsável e motivada, tendo sido durante um longo período desenvolvidas argumentações suficientemente boas em defesa da respectiva doutrina. Nesta afirmação, parece-me importante o reconhecimento de que a experiência e a demonstração ao longo das gerações a base histórica da sabedoria humana constituem também um sinal da sua razoabilidade e do seu significado duradouro. Diante duma razão não histórica que procura autoconstruir-se somente numa racionalidade não histórica, a sabedoria da humanidade como tal a sabedoria das grandes tradições religiosas deve ser valorizada como realidade que não se pode impunemente lançar para o cesto da história das ideias.

Voltemos à pergunta inicial. O Papa fala como representante de uma comunidade crente, na qual, durante os séculos da sua existência, amadureceu uma determinada sabedoria da vida; fala como representante de uma comunidade que guarda em si um tesouro de conhecimento e de experiência ética, que se revela importante para toda a humanidade: neste sentido, fala como representante de uma razão ética.

Mas agora devemos interrogar-nos: O que é a universidade? Qual é a sua missão? É uma questão colossal, à qual mais uma vez me é possível tentar responder, em estilo quase telegráfico, com algumas observações. Penso que se possa afirmar que a verdadeira e íntima origem da universidade esteja na sede de conhecimento, que é própria do homem. Este quer saber o que é tudo aquilo que o circunda. Quer a verdade. Neste sentido, podemos ver o questionar-se de Sócrates como o impulso do qual nasceu

a universidade ocidental. Penso, por exemplo para mencionar somente um texto na disputa com Eutifrone, que diante de Sócrates defende a religião mítica e a sua devoção. A isto, Sócrates contrapõe a pergunta: "Tu acreditas que entre os deuses exista realmente uma guerra recíproca e terríveis inimizades e combates... Teremos nós, Eutifrone, de afirmar que tudo isto é verdade?" (6 b-c). Nesta pergunta, aparentemente pouco devota mas que, em Sócrates, derivava de uma religiosidade mais profunda e mais pura, ou seja, da busca do Deus verdadeiramente divino, os cristãos dos primeiros séculos reconheceram-se a si mesmos e ao seu caminho. Acolheram a sua fé não de forma positivista, ou como a via de fuga de desejos não realizados; compreenderam-na como uma diluição da neblina da religião mitológica para deixar espaço à descoberta daquele Deus que é Razão criadora e, ao mesmo tempo, Razão-Amor. Por isso, o interrogar-se da razão sobre o Deus maior e também sobre a verdadeira natureza e o autêntico sentido do ser humano era, para eles, não uma forma problemática de falta de religiosidade, mas fazia parte da essência do seu modo de ser religiosos. Por conseguinte, eles não tinham necessidade de diluir ou abandonar o questionar-se socrático, mas podiam, aliás deviam, acolhê-lo e reconhecer como parte da sua própria identidade a árdua busca da razão para alcançar o conhecimento da verdade inteira. Assim podia, aliás devia, no âmbito da fé cristã, no mundo cristão, nascer a universidade.

É necessário dar mais um passo. O homem quer conhecer; quer a verdade. Esta é primariamente algo que diz respeito ao ver, ao compreender, à *theoria*, como a denomina a tradição grega. Mas, a verdade nunca é apenas teórica. Agostinho, ao estabelecer uma correlação entre as Bem-Aventuranças do Sermão da Montanha e os dons do Espírito mencionados no capítulo 11 de Isaías, notou uma reciprocidade entre "scientia" e "tristitia": o simples saber disse deixa-nos tristes. E realmente quem se limita a ver e apreender tudo aquilo que acontece no mundo, acaba por ficar triste. Mas, verdade significa mais do que saber: o conhecimento da verdade tem como finalidade o conhecimento do bem. Este é também o sentido do questionar-se socrático: Qual é o bem que nos torna verdadeiros? A verdade torna-nos bons, e a bondade é verdadeira: tal é o optimismo que vive na fé cristã, porque a esta foi concedida a visão do *Logos*, da Razão criadora que, na encarnação de Deus, se revelou conjuntamente como o Bem, como a própria Bondade.

Na teologia medieval, houve uma disputa profunda sobre a relação entre teoria e prática, sobre a justa relação entre conhecer e agir uma disputa que não cabe aqui desenvolver. Com efeito, a universidade medieval com as suas quatro Faculdades apresenta esta correlação. Começemos pela Faculdade que, segundo a compreensão da época, era a quarta: a de Medicina. Não obstante fosse considerada mais como "arte" do que como ciência, todavia a sua inserção no cosmos da *universitas* significava claramente que estava colocada no âmbito da racionalidade, que a arte de curar se encontrava sob a guia da razão, subtraindo-se ao âmbito da magia. Curar é uma missão que exige sempre mais do que a simples razão, mas por isso mesmo precisa da conexão entre saber e poder, tem necessidade de pertencer ao campo da *ratio*. Inevitavelmente levanta-se a questão da relação entre prática e teoria, entre conhecimento e agir, na Faculdade de Jurisprudência. Trata-se de atribuir a justa forma à liberdade humana, que é sempre liberdade na comunhão recíproca: o direito é o pressuposto da liberdade, e não o seu antagonista. Mas aqui levanta-se a questão: Como se individualizam os critérios de justiça que tornam possível uma liberdade vivida em conjunto e favorecem o ser bom do homem? Nesta altura, impõe-se dar um salto ao presente: É a questão do modo como se pode encontrar uma normativa jurídica que constitua um ordenamento da liberdade, da dignidade humana e dos direitos do homem. É a questão que nos ocupa hoje nos processos democráticos de formação da opinião e que, ao mesmo tempo, nos angustia porque problemática para o porvir da humanidade. Na minha opinião, Jürgen Habermas exprime um vasto consenso do pensamento contemporâneo, quando afirma que a legitimidade de uma carta constitucional, como pressuposto da legalidade, derivaria de duas fontes: da participação política igualitária de todos os cidadãos e da forma razoável como são resolvidos os contrastes políticos. A propósito da referida "forma razoável", observa ele que a mesma não pode ser somente uma luta por maiorias aritméticas, mas há-de caracterizar-se como um "processo de argumentação sensível à verdade" (*wahrheitssensibles Argumentationsverfahren*). É uma afirmação correcta, mas muito difícil de transformar em prática política. Os representantes daquele público "processo de argumentação" são predominantemente como sabemos os partidos enquanto responsáveis pela formação da vontade política. Com efeito, estes terão infalivelmente em vista sobretudo a consecução de maiorias e, por conseguinte, olharão de maneira quase inevitável pelos interesses que prometem satisfazer; mas, tais interesses muitas vezes são particulares e não favorecem verdadeiramente a comunidade. A sensibilidade pela verdade acaba incessantemente subjugada à sensibilidade pelos interesses. Julgo

significativo o facto de que Habermas fale da sensibilidade pela verdade como de um elemento necessário no processo de argumentação política, voltando assim a inserir o conceito de verdade no debate filosófico e político.

Mas, então, torna-se inevitável a pergunta de Pilatos: O que é a verdade? E como a reconhecemos? Se para isso se remete para a "razão pública", como faz Rawls, segue-se necessariamente a questão: O que é razoável? Como é que uma razão se demonstra verdadeira? De qualquer maneira, sobre esta base torna-se evidente que, na busca do direito da liberdade, da verdade da justa convivência, devem ser ouvidas outras instâncias diversas dos partidos e grupos de interesse, sem com isto querer minimamente contestar a importância destes. Voltamos assim à estrutura da universidade medieval. Ao lado da Faculdade de Jurisprudência, havia as Faculdades de Filosofia e de Teologia, às quais estava confiada a investigação sobre o ser homem na sua totalidade e, conseqüentemente, a missão de conservar viva a sensibilidade pela verdade. Poder-se-ia mesmo afirmar que o sentido permanente e autêntico das duas Faculdades é este: serem guardiães da sensibilidade pela verdade, não permitirem que o homem seja afastado da busca da verdade. Mas como é que elas podem corresponder a esta missão? Trata-se aqui de uma questão pela qual é necessário lutar incessantemente sem nunca estar posta e resolvida de maneira definitiva. Estando assim as coisas, nem sequer eu posso oferecer propriamente uma resposta, mas simplesmente um convite para continuarem a caminhar com esta interrogação a caminhar com os grandes que, ao longo de toda a história, lutaram e procuraram com as suas respostas e com a sua inquietude pela verdade, que remete continuamente para além de cada uma das respostas individuais.

Teologia e filosofia formam nisto um par de gémeos peculiar, não podendo nenhuma das duas desligar-se totalmente da outra e, todavia, cada uma deve conservar a própria tarefa e identidade. É mérito histórico de S. Tomás de Aquino face às diferentes respostas dos Padres, em virtude do seu contexto histórico ter evidenciado a autonomia da filosofia e, juntamente com ela, o direito e a responsabilidade própria da razão de se interrogar com base nas suas forças. Diferenciando-se das filosofias neoplatónicas, onde religião e filosofia se encontravam inseparavelmente entrelaçadas, os Padres tinham apresentado a fé cristã como a verdadeira filosofia, ressaltando ainda que esta fé corresponde às exigências da razão na sua busca da verdade; que a fé é o "sim" à

verdade, comparativamente às religiões míticas que se tinham tornado uma simples rotina. Sucessivamente, porém, na época do nascimento da universidade, no Ocidente já não existiam aquelas religiões mas somente o cristianismo, e assim era necessário ressaltar novamente a responsabilidade própria da razão, de modo que não fosse absorvida pela fé. S. Tomás interveio num momento privilegiado: pela primeira vez, os escritos filosóficos de Aristóteles tornaram-se acessíveis na sua integridade; estavam presentes as filosofias hebraicas e árabes enquanto específicas apropriações e prolongamentos da filosofia grega. Assim o cristianismo, num novo diálogo com a razão dos outros que ia encontrando, teve que lutar em favor da sua própria razoabilidade. Designada "Faculdade dos Artistas", a Faculdade de Filosofia, que até então tinha sido somente propedêutica à teologia, tornou-se agora uma verdadeira e própria Faculdade, um parceiro autónomo da teologia e da fé nela reflectida. Não é possível aqui demorarmo-nos sobre o fascinante confronto que daí resultou. Diria que a ideia de S. Tomás acerca da relação entre filosofia e teologia poderia ser expressa pela fórmula encontrada pelo Concílio de Calcedónia para a cristologia: filosofia e teologia devem relacionar-se entre si "sem confusão e sem separação". "Sem confusão" significa que cada uma delas deve conservar a própria identidade. A filosofia deve permanecer verdadeiramente uma busca da razão na própria liberdade e na própria responsabilidade; deve ver os seus limites e, precisamente deste modo, também a sua grandeza e vastidão. A teologia deve continuar a beber num tesouro de conhecimento que não foi inventado por ela, que sempre a supera e que, não podendo jamais ser totalmente esgotado mediante a reflexão, por isso mesmo leva o pensamento a começar sempre de novo. Mas, a par do dado "sem confusão", vigora também o dado "sem separação": a filosofia não recomeça cada vez do ponto zero do sujeito individual que pensa, mas vive no grande diálogo da sabedoria histórica, que ela, crítica e ao mesmo tempo docilmente, acolhe e desenvolve sempre de novo; mas também não deve fechar-se diante daquilo que as religiões e, de modo particular, a fé cristã receberam e transmitiram à humanidade como indicação do caminho. Várias coisas, ditas por teólogos ao longo da história ou mesmo traduzidas na prática pelas autoridades eclesiais, foram demonstradas como falsas pela história, e hoje confundem-nos. Mas, simultaneamente, é verdade que a história dos santos, a história do humanismo desenvolvido sobre a base da fé cristã demonstra a verdade desta fé no seu núcleo essencial, tornando-a desta forma também um paradigma para a razão pública. Sem dúvida, muito do que dizem a teologia e a fé só pode ser assumido no âmbito da fé e, portanto, não pode apresentar-se como

exigência para aqueles a quem esta fé permanece inacessível. Ao mesmo tempo, porém, resta verdadeiro que a mensagem da fé cristã nunca é somente uma "*comprehensive religious doctrine*", no sentido de Rawls, mas uma força purificadora para a própria razão, que a ajuda a ser cada vez mais ela mesma. Com base na sua origem, a mensagem cristã deveria ser sempre um encorajamento à verdade e, conseqüentemente, uma força contra a pressão do poder e dos interesses.

Pois bem, até agora falei somente da universidade medieval, procurando contudo deixar transparecer a natureza permanente da universidade e da sua missão. Nos tempos modernos, abriram-se novas dimensões do saber, que, na universidade, são valorizadas sobretudo em dois grandes âmbitos: em primeiro lugar, nas ciências naturais, que se desenvolveram com fundamento na conexão de experiência com a pressuposta racionalidade da matéria; em segundo lugar, nas ciências históricas e humanistas, nas quais o homem, perscrutando o espelho da sua história e esclarecendo as dimensões da sua natureza, procura compreender-se melhor a si mesmo. Neste desenvolvimento, abriu-se à humanidade não apenas uma medida imensa de saber e poder; mas aumentaram também o conhecimento e o reconhecimento dos direitos e da dignidade do homem, e disto podemos apenas sentir-nos gratos. No entanto, o caminho do homem jamais pode dizer-se completo, e o perigo de cair na desumanidade nunca está esconjurado de todo: como se vê no panorama da história actual! O perigo do mundo ocidental para falar somente dele é que o homem hoje, precisamente à vista da grandeza do seu saber e do seu poder, desista diante da questão da verdade; significando isto ao mesmo tempo que, no fim de contas, a razão cede face à pressão dos interesses e à atracção da utilidade, obrigada a reconhecê-la como critério derradeiro. Dito do ponto de vista da estrutura da universidade: existe o perigo de que a filosofia, deixando de se sentir à altura da sua autêntica missão, se degrade em positivismo; que a teologia, com a sua mensagem dirigida à razão, seja confinada na esfera privada de um grupo mais ou menos numeroso. Mas, se a razão ciosa da sua presumida pureza se torna surda à grande mensagem que lhe chega da fé cristã e da sua sabedoria, seca como uma árvore cujas raízes já não chegam às águas que lhes dão vida. Perde a coragem pela verdade; e deste modo não fica maior, mas menor. Aplicado à nossa cultura europeia, isto significa: se ela quiser autoconstruir-se unicamente com base no círculo das suas próprias argumentações e naquilo que de momento a convence e preocupada com a sua laicidade

se separa das raízes de que vive, então não se torna mais razoável nem mais pura, mas desagrega-se e fragmenta-se.

Assim, volto ao ponto de partida. O que é que o Papa tem a fazer ou a dizer na universidade? Seguramente, não deve procurar impor de modo autoritário aos outros a fé, a qual pode ser dada somente em liberdade. Para além do seu ministério de Pastor na Igreja e com base na natureza intrínseca deste ministério pastoral, é sua missão manter desperta a sensibilidade pela verdade; convidar sempre de novo a razão a pôr-se à procura da verdade, do bem, de Deus e, neste caminho, estimulá-la a entrever as luzes úteis que foram surgindo ao longo da história da fé cristã e, assim, sentir Jesus Cristo como a Luz que ilumina a história e ajuda a encontrar o caminho rumo ao futuro.

Vaticano, 17 de Janeiro de 2008.

BENEDICTUS XVI

© Copyright 2008 - Libreria Editrice Vaticana

LISTA DE TÍTULOS DE BENTO XVI/ JOSEPH RATZINGER PUBLICADOS EM PORTUGUÊS*

LIVROS**

2009

Carta encíclica "Caritas in veritate" do Sumo Pontífice Bento XVI aos bispos, aos presbíteros e diáconos, às pessoas consagradas, aos fiéis leigos e a todos os homens de boa vontade sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2009. Também: Prior Velho: Paulinas, 2009, Braga: A.O., 2009; São Paulo: Paulinas, 2009.

* Organizada por João Carlos Loureiro (CADC – Centro Académico de Democracia Cristã, Coimbra). Agradecem-se todas as contribuições para completar e rectificar esta bibliografia (loureiro62@gmail.com). Esta listagem foi elaborada tendo em atenção os seguintes critérios: a) o ano de referência é o da edição original e não o das traduções em língua portuguesa, a não ser quando não conseguimos determinar o primeiro, situação que esperamos resolver numa futura versão; b) alguns aspectos que são, em regra, objecto de tratamento bibliotecnómico não foram aqui considerados; c) a listagem não se arroga a pretensão de ser exaustiva, mesmo em matéria de livros; quanto aos artigos, procedeu-se a um primeiro levantamento, centrado na revista de que Joseph Ratzinger foi um dos fundadores, a *Communio – Revista Internacional Católica*, sem prejuízo de terem sido tomadas em consideração outras publicações. Quanto à *Communio* (edição portuguesa; o levantamento revelou-se difícil para a edição brasileira), a tarefa está agora facilitada, em virtude da disponibilização de um índice na página da revista (www.revistacommunio.com), deixando-se o desafio aos responsáveis pela edição nacional de recolherem, num volume, os diferentes escritos que foram traduzidos. Um projecto desta natureza está em curso nos EUA, sendo de realçar o número significativo de artigos publicados (<http://www.communio-icr.com/ratzinger.html>). Trata-se de uma obra em três volumes, tendo já sido publicado o primeiro: *Joseph Ratzinger in Communio, Volume 1: The Unity of the Church: Grand Rapids*, Michigan: Eerdmans, 2010.

Tendo a ideia de apresentar, em anexo, uma lista de títulos de Bento XVI/ Joseph Ratzinger surgido já próximo da conclusão do projecto e atentos os prazos, não foi possível proceder a uma investigação mais aprofundada e, em vários casos, compulsar os textos das edições referidas. Para os interessados num levantamento dos escritos de Joseph Ratzinger até à eleição papal, vide a preciosa bibliografia da obra de Pablo BLANCO, *Joseph Ratzinger: razón y Cristianismo: La victoria de la inteligencia en el mundo de las religiones*, Ediciones Rialp, Madrid, 2005, p. 245-300 [v. agora o Foro de estudios Joseph Ratzinger, que disponibiliza listagens bibliográficas, bem como alguns textos: <http://www.unav.es/tdogmatica/ratzinger/bibliografia.htm>]. Contudo, em relação às traduções portuguesas e brasileiras o trabalho é relativamente incompleto. Infelizmente, a consulta das bibliotecas nacionais de Portugal e Brasil não resolve o problema, atendendo ao número de títulos editados nos dois países que não constam dos respectivos catálogos. A lista baseou-se, pois, no acervo da nossa biblioteca e num conjunto de pesquisas na Internet.

Não se tomaram em consideração os Documentos da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé elaborados no período em que foi Prefeito o Cardeal Joseph Ratzinger. Numa versão revista e aumentada, que esperamos elaborar para publicação em *Estudos – Revista do Centro Académico de Democracia Cristã* (2010), n.º 12, pretendemos inserir a lista de escritos constante do *Osservatore Romano* (edição em língua portuguesa). Os interessados podem ainda ver os textos publicados na versão em língua portuguesa de *30Giorni* (<http://www.30giorni.it/br/default.asp>).

** Sendo esta lista de meados de Abril, é provável que, no momento em que a lê, estejam já disponíveis outros títulos. Aliás, também o número de livros sobre Bento XVI disponíveis em português – a chamada bibliografia passiva, que pretendemos tratar proximamente – crescerá por certo, referindo-se, desde já, o livro de Aura MIGUEL (*As razões de Bento XVI*, Texto Editores, Alfragide, 2010).

Pensamentos sobre o sacerdócio, Lucerna, 2010 [trad.: *Pensieri sul sacerdozio*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana]. Também: São Paulo, Loyola, 2010.

Pensamentos sobre a eucaristia; trad. Isaiás Hipólito. Braga: Editorial A.O., 2010 [trad.: *Pensieri sull' Eucaristia: Selezione di testi di papa Benedetto XVI*. Libreria Editrice Vaticana: Città del Vaticano, 2009].

Diálogo de Bento XVI com os Sacerdotes. Paulus: Lisboa, 2009 [Libreria Editrice Vaticana: Città del Vaticano, 2009].

Carta do Santo Padre Bento XVI para a proclamação de um Ano Sacerdotal. São Paulo: Loyola, 2009 [Lettera per l'indizione di un anno sacerdotale in occasione del 150° anniversario del dies natalis del santo curato d'Ars. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2009].

A santidade não passa de moda. Braga: Editorial Franciscana, 2009 [La Santità non passa mai di moda. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2009].

2008

Os Padres da Igreja: de Clemente Romano a Santo Agostinho. Braga: Editorial Franciscana, 2008 [I Padri della Chiesa: da Clemente Romano a Sant' Agostino. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2008]; também: *Os Padres da Igreja: de Clemente Romano a Santo Agostinho*, Lisboa: Portugalia, 2008.

Paulo, o apóstolo dos gentios; trad. João Gomes Filipe. Lisboa: Paulus, 2008 [Paolo l'apostolo delle genti. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana; San Paolo: Cinisello Balsamo, 2008].

Ave Maria: o rosário meditado; trad. Libreria Editrice Vaticana. Braga: Editorial Franciscana, 2010 [Maria voll der Gnade: Betrachtungen zum Rosenkranz. Hrsg. von Franz Johna. Mit einem Vorw. von Christoph Schönborn. Freiburg im Breisgau; Basel; Wien: Herder, 2008].

Homilias: Ano litúrgico comentado por Joseph Ratzinger. Coordenação de Sandro Magister. Braga: Editorial Franciscana, 2009 [Omèlie: l'anno liturgico narrato da Joseph Ratzinger. A cura di Sandro Magister. Milano: Libri Scheiwiller, 2008].

Maria: homilias, orações, discursos. Abrunheira, Sintra: Editora K, 2010 [Maria: Papst Benedikt XVI. über die Gottesmutter. Augsburg: Sankt-Ulrich-Verlag, 2008].

Com Maria ao Encontro de Jesus: o Papa fala da Mãe do Senhor. Prior Velho: Paulinas, 2009 [*Con Maria incontro a Gesù: il Papa parla della mamma del Signore.* Paoline, 2008].

Perguntas e respostas. São Paulo: Pensamento, 2009; trad. Euclides Luiz Calloni ; Cleusa M. Wosgrau [*Questions and answers.* Huntington: Our Sunday Visitor, 2008].

2007

Sacramentum caritatis: Exortação Apostólica Pós-sinodal de Sua Santidade Bento XVI ao Episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e fiéis leigos sobre a eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2007. Também Prior Velho, Paulinas, 2007; Braga: Editorial A.O., 2007. Também: São Paulo: Paulinas, 2007.

Salvos na esperança: Carta Encíclica Spe Salvi do Sumo Pontífice Bento XVI aos Bispos, aos Presbíteros e aos Diáconos, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos sobre esperança cristã. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2007. Também: Prior Velho: Paulinas; Braga: A.O., 2007; Barcelos, 2008; São Paulo: Paulinas, 2007.

Carta apostólica de Bento XVI sob a forma de Motu proprio, Summorum Pontificum, sobre o uso da liturgia romana anterior à reforma realizada em 1970. São Paulo: Paulinas, 2007 [*Lettera Apostolica 'Moto Proprio Data' Summorum Pontificum sull'uso della Liturgia Romana Anteriore alla Riforma del 1970.* Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2007].

Jesus de Nazaré; trad. de José Jacinto Ferreira de Farias ; rev. Francisco Boléo. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2007 (2.^a ed., e 3.^a ed., 2007; 4.^a ed., 2008; 5.^a (edição comemorativa da Visita), 2010; edição ilustrada: 2008) (*Jesus Von Nazareth, Erster Teil, Von der Taufe im Jordan bis zur Verklärung,* Freiburg im Breisgau; Basel; Wien: Herder, 2007). Também: *Jesus de Nazaré: primeira parte: do batismo no Jordão à transfiguração;* trad. José Jacinto Ferreira de Farias. Edição 1.^a, 2.^a reimpressão; São Paulo: Planeta do Brasil.

Os apóstolos e os primeiros discípulos de Cristo: as origens da Igreja; rev. Amador Pereira Carreira; trad. Libreria Editrice Vaticana. Editorial Franciscana: Braga, 2008 [*Gli apostoli e i primi discepoli di Cristo: alle origini della Chiesa.* Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2007]. Também: *Os doze apóstolos e os primeiros discípulos de Jesus nas origens da Igreja;* apresent. de textos Senra Coelho. Lisboa: Paulus, 2008. *Os apóstolos: uma introdução às origens da fé cristã.* São Paulo: Pensamento, 2008.

Mistagogias de Bento XVI sobre a Igreja; org. e intr: Boaventura Kloppenburg. Petrópolis: Vozes, 2007 [não foi possível compulsar a obra; compreenderá uma selecção das catequeses de Bento XVI].

Palavras do Papa Bento XVI no Brasil, São Paulo: Paulinas, 2007.

Pensamentos marianos; trad.: Bernardino Henriques. Introd. P. Ermes Maria Ronchi. Selecção de textos: Lúcio Coco. Palheira: Gráfica de Coimbra 2 [*Pensieri mariani*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2007].

Creio em um só Deus. coment. pelo Papa Bento XVI; rev. Lídia Freitas. Lisboa: Bertrand, 2007 [Mondolibri: Milano, 2007].

2006

Pensamentos espirituais: [Abril 2005-Março 2006]; trad. Ana Sasseti da Mota. São João do Estoril: Lucerna, 2006 [*Pensieri spirituali*, Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2006].

A família e a transmissão da fé; introd. e org. Pe. Duarte da Cunha. Prior Velho: Paulinas, 2006.

Credo para hoje: em que acreditam os cristãos; trad.: José António Correia Pereira. Braga: Editorial Franciscana, 2007 [*Credo für heute: was Christen glauben*; Zaborowski, Holger [Hrsg.]. Freiburg im Breisgau; Basel; Wien: Herder, 2006].

Os movimentos na Igreja: Presença do Espírito e esperança para os homens; trad. António Maia da Rocha. S. João do Estoril: Lucerna, 2007 (reúne dois textos italianos: *La bellezza di essere cristiani e la gioia di comunicarlo*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2006; também: Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2006; *Nuove irruzioni dello Spirito: I movimenti nella Chiesa*. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2006).

A beleza de ser cristão. São Paulo: Canção Nova, 2007 [*La bellezza di essere cristiani e la gioia di comunicarlo*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2006]. Também: *Os movimentos na Igreja: Presença do Espírito e esperança para os homens*. S. João do Estoril: Lucerna, 2007.

Tu és Pedro. São Paulo: Canção Nova, 2007 [*Tu sei Pietro! Discorsi inaugurali del Santo Padre Benedetto XVI*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2006].

O diálogo com os jovens. São Paulo: Canção Nova, 2007 [*In dialogo con i giovani in preparazione alla 20ª Giornata mondiale della gioventù*, Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2006].

Família, viva e transmita fé, São Paulo: Canção Nova, 2007 [*Famiglia, vivi e trasmetti la fede!*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2006].

Misericórdia e verdade. São Paulo: Canção Nova, 2007 [trad.: *Misericordia e verità di incontreranno*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2006].

Deus caritas est. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2006. Também, Prior Velho: Paulinas, 2006; Braga: Secretariado Geral do Apostolado da Oração, 2006; São

Paulo: Canção Nova, 2006; São Paulo: Loyola, 2006 (em relação a edições especiais, vejam-se: *Introdução e comentários de Angelo Scola: Deus Caritas est – encíclica*: São João do Estoril, Principia, 2006; *Introduzione e commento di Angelo Scola*, Siena: Edizioni Cantagalli, 2006; *Deus é Amor. Deus caritas est*. Rei dos Livros. Lisboa, 2006, Comentários: Tony Neves) *.

Com Jesus, a vida é uma festa: o Papa às crianças da primeira comunhão; trad. Maria do Rosário Pernas; il. Sandra Bersanetti. Prior Velho: Paulinas, 2007 [*Con Gesù la vita è una festa: il Papa ai bambini della prima comunione*. Paoline, 2006].

2005

A Europa de Bento na crise de culturas; rev. José João Leiria; trad. António Rocha. Lisboa: Alêtheia, 2005 [*L' Europa di Benedetto nella crisi della culture*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2005].

Quem nos ajuda a viver?: de Deus e do Homem; trad.: José António Correia Pereira. Braga: Editorial Franciscana, 2006 [*Wer hilft uns leben?: von Gott und Mensch*. Hrsg. von Holger Zaborowski und Alwin Letzkus. Mit einem Nachw. von Holger Zaborowski, Freiburg im Breisgau; Basel; Wien: Herder, 2005].

Via Sacra: meditações e orações do Cardeal Joseph Ratzinger; trad. António Maia da Rocha. Prior Velho: Paulinas, 2006 [*Via Crucis al Colosseo*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2005]. Também: *Via-sacra no Coliseu: Meditações e orações de Bento XVI*; trad. Joana da Cruz. São Paulo: Paulinas, 2007 (2.^a ed.: 2010).

A revolução de Deus; introd. Cardeal Camillo Ruini; trad. António Maia da Rocha. [1a ed.]. Prior Velho: Paulinas, 2005 [*La rivoluzione di Dio*; trad.: LEV – Libreria Editrice Vaticana. Cinisello Balsamo: San Paolo]. Também: São Paulo: Paulinas, 2006.

Dialética da secularização: sobre razão e religião; org.: Florian SCHÜLLER. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2007 [*Dialektik der Säkularisierung: über Vernunft und Religion* / Jürgen Habermas ; Joseph Ratzinger. Mit einem Vorw. hrsg. von Florian Schuller, Freiburg im Breisgau; Basel; Wien: Herder, 2005; nota: em Portugal, os textos de Jürgen Habermas e Joseph Ratzinger foram publicados em *Estudos – Revista do Centro Académico de Democracia Cristã* N.S. (2004/3-I), p.45-55; 57-66; trad.: Maria Benedita Bettencourt; introd.: João Carlos Loureiro: 41-43).

Paolo Flores D'ARCAIS, *Existe Deus? Um confronto sobre a verdade, fé e ateísmo*; tradução de Artur Morão. Lisboa: Pedra Angular, 2009 [*Dio esiste?*. Quaderno speciale Micromega. Roma, 2005]. Também: *Deus existe?*. Joseph Ratzinger (Papa Bento XVI); [debate com] Paolo Flores d'Arcais; [intermediado por] Gad Lerner; trad. Sandra Martha Dolinsky. São Paulo: Planeta do Brasil, 2009].

* Publicada em 2006, a Encíclica foi dada em Roma, no dia 25 de Dezembro de 2005.

O esplendor da Glória de Deus: meditações para o ano litúrgico. Braga: Editorial Franciscana, 2007 [Gottes Glanz in unserer Zeit: Meditationen zum Kirchenjahr. Freiburg im Breisgau; Basel; Wien: Herder, 2005].

Bento XVI: um simples e humilde trabalhador. Prior Velho: Paulinas, 2005. [Benedetto XVI: un semplice e umile lavoratore. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2005].

Bento XVI: conheçamos o nosso Papa. Prior Velho: Paulinas, 2005 [Benedetto XVI: per conoscere il nostro papa. Paoline Edizioni, 2005].

2004

Europa: os seus fundamentos hoje e amanhã; trad. António Maia da Rocha. Apelação: Paulus, 2005; 2.^a ed.: 2005 [Europa: I suoi fondamenti oggi e domani; trad. di Ellero Babini, Viviana De Marco. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2004].

2003

Fé, verdade, tolerância: o cristianismo e as grandes religiões do mundo; trad. Gertrud Bakaus Simão Portugal, Maria Correia Branco; rev. H. Noronha Galvão. Lisboa: Universidade Católica, 1.^a ed., 2006 (reimp. 2007) [Glaube - Wahrheit - Toleranz. Das Christentum und die Weltreligionen. Freiburg im Breisgau; Basel; Wien: Herder, 2003]. Também: São Paulo, Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio”, 2007; trad. Sivar Hoepfner Ferreira; rev.: Edson Dognaldo Silva.

A caminho de Jesus Cristo; trad. de Isaías Hipólito. Coimbra: Tenacitas, 2006. [Unterwegs zu Jesus Christus. Augsburg: Sankt-Ulrich-Verlag, 2003].

2002

Caminhar juntos na fé: a Igreja como "Comunhão"; publicação de homenagem, no 75. aniversário de Cardeal Joseph Ratzinger / Joseph Ratzinger (Papa Bento XVI). Ed. por Círculo de Alunos. Red.: Stephan Otto Horn e Vinzenz Pfnür. [Trad. do orig. alemão por: Manuel Losa] Braga. Editorial A.O. [Weggemeinschaft des Glaubens: Kirche als Communio; Festgabe zum 75. Geburtstag. Hrsg. vom Schülerkreis. Red.: Stephan Otto Horn und Vinzenz Pfnür, Augsburg : Sankt-Ulrich-Verlag, 2002: a trad. portuguesa é apenas parcial].

2001

Deus próximo de nós: a Eucaristia centro da vida. Trad. Isaías Hipólito. Coimbra: Tenacitas, 2005 [Gott ist uns nah. Eucharistie: Mitte des Lebens. Hrsg. von Horn, Stephan Otto/ Pfnür, Vinzenz, Augsburg 2001].

2000

Deus e o mundo: a fé cristã explicada por Bento XVI: uma entrevista com Peter Seewald. Trad. Maria Azevedo; Rev. José Carlos Lopes de Miranda, Coimbra: Tenacitas, 2006 [*Gott und die Welt: Glauben und Leben in unserer Welt: Ein Gespräch mit Peter Seewald*, Köln 2000].

Introdução ao espírito da Liturgia; trad. Jana Almeida Olsansky. Lisboa: Paulinas, 2001 (2.^a ed.: Lisboa, 2006) [*Der Geist der Liturgie: eine Einführung*, Freiburg im Breisgau; Basel; Wien: Herder, 2000].

1999

João Paulo II: vinte e dois anos na história com Fátima presente; trad. Maria do Rosário C. Pernas. Fotografia: Giancarlo Giuliani. Apelação: Paulus. 2000 [*Giovanni Paolo II: vent' anni nel storia*. Edizioni San Paolo, Cinisello Balsamo, 1999]. Também *João Paulo II: vinte anos na história*; trad. de José Afonso Beraldin da Silva. São Paulo: Paulinas, 2000.

1997

A minha vida: autobiografia do Papa Bento XVI; Trad. José J. C. Serra. Lisboa: Livros do Brasil, 2005 [*La mia vita. Ricordi (1927-1977)*. Cinisello Balsamo: San Paolo, 1997]. Também: *Lembranças da minha vida: Papa Bento XVI Autobiografia parcial (1927-1977)*, São Paulo: Paulinas, 2007.

Homilias sobre santos; trad.: Roberto Vidal da Silva Martins. São Paulo: Quadrante, 2007 [*Heiligenpredigten*. München: Erich Wewel Verlag, 1997].

1996

O sal da terra: o cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milénio; trad. Inês Madeira de Andrade. Lisboa: Multinova. 1997 (3.^a edição: Tenacitas, Coimbra, 2007) [*Salz der Erde: Christentum und katholische Kirche an der Jahrtausendwende: ein Gespräch mit Peter Seewald*. München: Wilhelm Heyne Verlag: 1996]. Também: *O sal da terra: o Cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milénio*; trad. Inês Madeira de Andrade. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

1993

Breve introdução ao catecismo da Igreja Católica. Em co-autoria com Christoph Schönborn. Trad. de Flávio Cavalca de Castro. Aparecida, SP: Ed. Santuário, 1997 (3.^a ed.: 2005) [*Kleine Hinführung zum Katechismus der katholischen Kirche*. München; Zürich; Wien: Verlag Neue Stadt, 1993].

Verdade, valores, poder: pedras-de-toque da sociedade pluralista; trad. José António Correia Pereira. Braga: Editorial Franciscana, 2006 [*Wahrheit, Werte, Macht*:

Prüfsteine der pluralistischen Gesellschaft, Freiburg im Breisgau; Basel; Wien: Herder, 1993].

Natureza e missão da teologia; trad. de Carlos de Almeida Pereira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008 [*Wesen und Auftrag der Theologie : Versuche zu ihrer Ortsbestimmung im Disput der Gegenwart*. Einsiedeln; Freiburg im Breisgau: Johannes Verlag, 1993].

1991

Questões sobre a Igreja; trad. António Maia da Rocha. Lisboa: Paulistas, 1992 [*Zur Gemeinschaft gerufen: Kirche heute verstehen*, Freiburg im Breisgau; Basel; Wien: Herder, 1990]. Também: *Compreender a Igreja hoje: vocação para a comunhão*; trad. Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis: Vozes, 1992; também: 2.^a ed., 2005; 2006, 3.^a ed.

A Igreja e a nova Europa; trad. do ital.: Henrique Barrilaro Ruas. Lisboa : Verbo, 1994 (reimp.: 2005) [*Wendezeit für Europa?: Diagnosen und Prognosen zur Lage von Kirche und Welt*. Einsiedeln; Freiburg im Breisgau: Johannes-Verlag]

1989

Olhar para Cristo: exercícios de fé, esperança e caridade, Coimbra: Tenacitas, 2006 [*Auf Christus schauen: Einübung in Glaube, Hoffnung, Liebe*; a edição portuguesa baseou-se na italiana: *Guardare Cristo: Esercizi di fede, speranza e carita*, Milano, 1989].

1986

No Princípio Deus criou o Céu e a Terra; trad.: Alfredo Dinis/ Miguel Panão. Rev. João Duque; José Gama; Maria João Carmona. Principia: Parede, 2010 [*Im Anfang schuf Gott: Vier München Fastenpredigten über Schöpfung und Fall*. München, 1986].

1985

O caminho pascal; trad. António Maia da Rocha. São João do Estoril, Cascais: Lucerna, 2006 [*Il cammino pasquale: corso di esercizi spirituali tenuti in Vaticano alla presenza di S. S. Giovanni Paolo II*. Milano: Ancora, 1985]. Também: *O caminho pascal: curso de exercícios espirituais realizado no Vaticano na presença de S. S. João Paulo II*. Trad.: Attilio Cancian. São Paulo: Loyola, 1986.

Diálogos sobre a fé; apresentados por Vittorio Messori; trad.: Fernando Guimarães CSSR, Lisboa: Verbo, 1985 (reimp. Lisboa: Verbo, 2005) [*Rapporto sulla fede. Vittorio Messori a colloquio con Joseph Ratzinger*, Torino, 1985]. Também: *A fé em crise?: o Cardeal Ratzinger se interroga*; trad.: Fernando José Guimarães, São Paulo: E.P. U., 1985.

Prefácio a Luigi GIUSSANI. *O sentido de Deus e o homem moderno*. Lisboa: DIEL, 1997 (2.^a ed.: Lisboa, 1998), p. 7-8 [*Il senso di Dio e l' uomo moderno*. Milano: Rizzoli, 1994]. Também: *O senso de Deus e o homem moderno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

1980

Maria, primeira Igreja. Em co-autoria com Hans Urs von Balthasar; trad. Maria Armada de Saint-Maurice. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2004 [*Maria – Kirche im Ursprung*. Freiburg: Johannes Verlag, 1980].

1973

Dogma e anúncio; trad. Antônio Steffen. São Paulo: Loyola, 2007 [*Dogma und Verkündigung*. München; Freiburg (Br.): Wewel, 1973; ⁴2005]. Também: *Dogma e anunciação*; trad. Antônio Steffen. São Paulo: Loyola, 1977.

1971

A união das nações: uma visão dos Padres da Igreja; trad.: Franz van de Water. São Paulo: Loyola, 1975 [*Die Einheit der Nationen: eine Vision der Kirchenvater*, Salzburg; München, Pustet, 1971].

1970

Fé e futuro; trad. Conceição Barreira de Sousa. S. João do Estoril: Principia, 2008 (*Glaube und Zukunft*, München: Kösel, 1970). Também: *Fé e futuro*, trad. Honório Rito. Petrópolis: Vozes, 1971.

Democracia na Igreja: possibilidades, limites, perigos; trad. Alexandre Macintyre. São Paulo: Paulinas, 1976 [com H. MAIER, *Demokratie in der Kirche: Möglichkeiten, Grenzen, Gefahren*; Hans Maier, Limburg: Lahn-Verlag, 1970].

1969

O novo povo de Deus; trad.: Clemente Raphael Mahl. São Paulo: Paulinas, 1974 [*Das neue Volk Gottes: Entwürfe zur Ekklesiologie*. Patmos: Düsseldorf, 1969].

1968

Introdução ao cristianismo: preleções sobre o «Símbolo Apostólico»; trad. Alfred J. Keller. Cascais: Principia, 2005 [*Einführung in das Christentum*. (1968, 2000)]. Também: *Introdução ao cristianismo: preleções sobre o símbolo apostólico*. Trad.: Jose Wisniewski Filho. São Paulo: Herder, 1970; *Introdução ao cristianismo: preleções sobre o símbolo apostólico com um novo ensaio introdutório*; trad.: Alfred J. Keller. 2.^a ed. São Paulo: Loyola, 2006 (1.^a ed.: São Paulo: Loyola, 2005).

1965

Do sentido de ser cristão: três homilias; trad. Ana Maria Syder Fontinha. Parede: Principia, 2009 [*Vom Sinn des Christseins: drei Predigten*, München, 1965]. Também: *O que é ser cristão*. Caxias do Sul: Paulinas, 1969.

Revelação e tradição. Em co-autoria com Karl Rahner. Trad. Belchior Cornélio da Silva. São Paulo: Herder, 1968 [*Offenbarung und Überlieferung*. Freiburg i. Br.; Basel; Wien: Herder 1965).

PREFÁCIOS E OUTROS TEXTOS

2009

Mensagem de abertura: o padre, o homem da alegria e a esperança. In: Christoph SCHÖNBORN, *A alegria de ser padre a exemplo do Cura D'Ars*. Prior Velho: Paulinas, 2010, p. 9-12 [Ouverture: le prêtre, l'homme de la joie et de l'espérance. In: *La joie d'être prêtre: à la suite du Curé d'Ars*. Burtin: Editions des Beatitudes, 2009].

2008

José A. MARTÍNEZ PUCHE, OP. *Sacerdotes para o nosso tempo: João Paulo II e Bento XVI falam sobre o sacerdócio*; trad. Isaías Hipólito. Palheira: Gráfica de Coimbra, 2009 [integra "Textos sacerdotais de Bento XVI (2005-2008)", p. 131-258]. [*Sacerdotes para nuestro tiempo: Juan Pablo II y Benedicto XVI hablan sobre el sacerdocio*. Madrid: Edibesa, 2009].

2007

O Papa e o mendigo: pensamentos e meditações do Papa Bento XVI e do Padre Werenfried; coord. John Newton, Terry Murphy; trad. e adapt. Alexandra Ferreira. Lisboa: Fundação Ajuda à Igreja que Sofre, 2007 [*The Pope and the Beggar: Thoughts and Meditations with Pope Benedict XVI and Father Werenfried*; John Newton, Terry Murphy (Editor), Aid to the Church in Need (United Kingdom) 2007].

2005

Antonio Efro FELTRIN. *Vida e testamento de João Paulo II e homilia do Cardeal Ratzinger*. São Paulo: Paulinas, 2005.

Missa do início do Pontificado de Bento XVI: Homilia de Bento XVI (24 de Abril de 2005; trad. não oficial*) do Patriarcado de Lisboa). In Paulo João SANTOS com Aura MIGUEL, *Bento XVI: as escolhas de um Papa*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 2005, p. 161-169).

* Para as versões oficiais, consulte http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/index_po.htm.

Homilia de Bento XVI na missa com os cardeais (20 de Abril de 2005; trad. não oficial do Patriarcado de Lisboa). In Paulo João SANTOS com Aura MIGUEL, *Bento XVI: as escolhas de um Papa*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 2005, p. 116-123.

Santa Missa «Pro Eligendo» Romano Pontífice: Homilia do Cardeal Joseph Ratzinger (18 de Abril de 2005; trad. não oficial do Patriarcado de Lisboa. In Paulo João SANTOS com Aura MIGUEL, *Bento XVI: as escolhas de um Papa*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 2005, p. 76-80.

2000

Comissão Teológica Internacional, *O pluralismo teológico: a Igreja e a as culpas do passado*. São Paulo: Edições Loyola, 2002 [*Memoria e riconciliazione: La Chiesa e le colpe del passato*, 2000].

1997

Prefácio a *O evangelho perante a desordem mundial*; trad. Henrique Barrilaro Ruas. Lisboa: Grifo, 2000 [*L'Évangile face au désordre mondial*. Paris: Fayard, 1997].

1998

Prefácio a *Vem, Espírito Criador: meditações sobre o Veni Creator /Raniero Cantalamessa*; trad.: Isaiás Hipólito. Braga: Editorial A.O., 2009 [*Il canto dello Spirito: meditazioni sul Veni creator*. Roma: Ancora, 1998].

1994

Prefácio a Luigi GIUSSANI. *O sentido de Deus e o homem moderno*. “A questão humana” e a novidade do cristianismo. Lisboa: DIEL, 1997 (2.^a ed.: Lisboa, 1998) [*Il senso di Dio e l'uomo moderno*. Milano: Rizzoli, 1994]. Também: *O senso de Deus e o homem moderno: a questão humana e a novidade do cristianismo*; trad. Durval Cordas, Paulo Afonso E. Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

1993

Prefácio ao documento da Comissão Bíblica. In: Comissão Pontifícia Bíblica, *A interpretação da Bíblia na Igreja: Discurso de Sua Santidade o Papa João Paulo II e documento da Comissão Pontifícia Bíblica*. Secretariado Geral do Episcopado; Editora Rei dos Livros: Lisboa, 1994, p. 27-30.

1986

Teses de Cristologia. In: *Novo Testamento e Cristo*. São Paulo, 1986, p. 3-5.

1985

O Vaticano II e a Igreja Latino-Americana. José Oscar BEOZZO(org.); trad.: Luiz João Gaio. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

1967

SCHWEIZER, Edouard; CONGAR, Yves M.-J. PAUWELS, Charles WINKLHOFER, Alois, *A Igreja em nossos dias*; trad. José J. Queiroz, Caxias do Sul: Paulinas, 1969 [*La Chiesa ai nostri giorni*. Cinisello Balsamo: Paoline, 1967].

1966

Notas eclesiológicas ao esquema sobre os Bispos. In *Novas estruturas na Igreja: temas conciliares IV*; trad. Fernando A. Monteiro. Lisboa: Livraria Moraes Editora, 1966, p. 183-202 [Ekklesiologische aantekeningen betreffende het schema «over de bisschoppen», primateit, collegialiteit, bischoppenconferenties, 6, *Hilversum* 1966, p. 152-165; a conferência foi proferida em 1963].

1965

«Fora da Igreja não há salvação». In *O mistério da Igreja: temas conciliares I*; trad. Fernando A. Monteiro. Lisboa: Livraria Moraes Editora, 1965, p. 57-67 [textos publicados pelo *Documentatie Centrum Concilie*].

REVISTAS: ALGUNS ARTIGOS

2008

Parecer sobre a dissertação de doutoramento de Henrique de Noronha Galvão: "O conhecimento existencial de Deus em Agostinho. Uma leitura hermenêutica das Confessiones". *Didaskalia*. Lisboa, Vol. 38 (2008), n. 2, p. 39-49 [Original dactilografado de 14 de Fevereiro de 1979, publicado, pela primeira vez, nas p. 44-49].

2005

A Europa na crise das culturas. *Communio: Revista Internacional Católica*. Lisboa. Vol. 22 (2005), n. 2, p. 227-238. Trad.: Maria C. Branco.

Mensagem do Papa Bento XVI aos Participantes no Congresso Internacional no Centenário do Nascimento do Teólogo Hans Urs von Balthasar. *Estudos: Revista do Centro Académico de Democracia Cristã*. Coimbra. (2005), n. 5, p. 385-387.

O pensamento do Papa Bento XVI, segundo o cardeal Joseph Ratzinger. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis. Vol. 65 (2005), n. 259, p. 663-671.

2004

Diálogo de Jürgen Habermas e Cardeal Joseph Ratzinger: em torno dos fundamentos morais pré-políticos do Estado constitucional: posição. *Estudos: Revista do Centro Académico de Democracia Cristã*. Coimbra. (2004), n. 3-I, p. 57-66 [Vorporpolitische moralische Grundlagen eines freiheitlichen Staates. Stellungnahme J. Kard. Ratzinger. *Zur Debatte* 34 (2004), n. 1, p. 5-6].

A procura da paz. *Communio: Revista Internacional Católica*. Lisboa. Vol. 21 (2004), n. 3, p. 261-272. Trad.: Maria C. Branco

2001

A nova evangelização. *Acção Católica*. Braga. 85 (2001), n. 3, p. 205-217.

2000

Europa, os seus fundamentos espirituais, ontem, hoje e amanhã. *Humanística e Teologia*. Porto. T. 22 (2001), n. 2, p. 159-175 [Europas Kultur und ihre Krise, leicht gekürzte Fassung des Vortrags am 28. November 2000 in der Bayerischen Vertretung in Berlin, *Die Zeit* (7.12.2000)].

1999

Fé, verdade e cultura – I: reflexões a propósito da Encíclica *Fides et Ratio*. *Communio: Revista Internacional Católica*. Lisboa. Vol. 16 (1999), p. 464-472; Fé, verdade e cultura – II: reflexões a propósito da Encíclica *Fides et Ratio*. *Communio: Revista Internacional Católica*. Lisboa. Vol. 16 (1999), p. 557-568 [Die Einheit des Glaubens und die Vielfalt der Kulturen, *Communio* 28 (1999), p. 289-305].

Verdade do Cristianismo?. *Estudos: Revista do Centro Académico de Democracia Cristã*. Coimbra. (2005), n. 4, p. 183-195. Trad.: José Carlos Seabra Pereira [Vérité du Christianisme?. *Documentation Catholique* (2000), n. 2217 p. 29-35].

1997

Eucaristia como génese da missão. *Communio*. Rio de Janeiro. (1998), n. 17, p. 64-84 [Eucaristia come genesi della missione. *Il Regno* 42 (1997), p. 588-593]

1996

O sinal de Caná: homilia. *Communio: Revista Internacional Católica*. Lisboa. Vol. 13 (1996), n. 6, p. 553-558 [Fátima, 13 de Outubro de 1996].

1995

A nova Aliança. *Communio: Revista Internacional Católica*. Lisboa. Vol. 12 (1995), n. 5, p. 394-409. Trad. do alemão: Maria C. Branco [*La Nuova Alleanza: sulla Teologia dell' Alleanza nel Nuovo Testamento. Rassegna di teologia* 36 (1995), p. 9-22; trad. alemã: *Der neue Bund: zur Theologie des Bundes im Neuen Testament. Communio* 24 (1995), p. 193-208].

1994

Evangelho e o catecismo: introduzir no conhecimento concreto de Jesus seguindo o realismo das narrativas evangélicas. *Revista de Cultura Bíblica*. São Paulo. V. 18, n. 69, p. 77-92, 1994.

1992

Igreja e Europa. *Communio: Revista Internacional Católica*. Lisboa. Vol. 9 (1992), n. 6, p. 540-547. Trad.: Maria C. Branco.

Bioética e moral cristã. *Leopoldianum*. Santos. Vol. 18 (1992), p. 121-130.

Necessidade da consciência: liberdade, direito e bem. *Communio: Revista Internacional Católica*. Lisboa. Vol. 10 (1993), n. 5, p. 430-434. Trad.: Maria C. Branco [trad.: *Réponse en Institut de France. Académie des Sciences Morales et Politiques*. Paris, 1992].

1991

Origem e natureza da Igreja. *Communio*. Rio de Janeiro. (1990), p. 234-248.

Igreja universal e Igreja particular: a missão do bispo. *Communio*. Rio de Janeiro. (1990), p. 261-272.

1990

Jesus Cristo hoje. *Communio: Revista Internacional Católica*. Lisboa. Vol. 14 (1997), p. 202-218 [Jesus Christus heute. *Communio* 19 (1990), p. 56-709].

1988

Cheia de graça: elementos bíblicos da devoção mariana. *Communio: Revista Internacional Católica*. Lisboa. Vol. 8 (1991), n. 5, p. 455-467. Trad.: Lucília Catarino

["Du bist voll Gnade": Elemente biblischer Marienfrömmigkeit. *Communio*. 17 (1988), p. 540-549].

Hans Urs von Balthasar. *Communio*. Rio de Janeiro. (1988), n. 40, p. 293-297.

1986

Mercado, economia e ética. *Communio: Revista Internacional Católica*. Lisboa. Vol. 26 (2009), n. 3, p. 273-279. Trad. Leonor Correia [Church and economy: responsibility for the future of the world economy. *Communio* 13 (Fall 1986), p. 199-204].

1985

A Esperança. *Communio: Revista Internacional Católica*. Lisboa. Vol. 2 (1985), n. 5, p. 451-464 [Sulla speranza. In: B. GIORDANI (ed.), *La speranza II*. Brescia- Roma, 1984; publicado também na *Communio* norte-americana 12 (1985), p. 71-84; não se indica tradutor e se foi utilizado o texto italiano ou a tradução em língua inglesa).

A Cristologia nasce da oração. *Questões actuais de Cristologia: Revista de Cultura Bíblica*. São Paulo, 1985, p. 52-65.

1984

Explico-vos a Teologia da Libertação. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis. Vol. 44 (1984), n. 173, p. 108-115.

Instrução sobre a Teologia da Libertação (apresentação). *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis. Vol. 44 (1984), n. 176, p. 691-695.

1980

Entre a morte e a Ressurreição. *Communio*. Rio de Janeiro. Vol. 1 (1982), n.1, p. 67-86. Zwischen Tod und Auferstehung. *Internationale Katholische Zeitschrift* 9 (1980), p. 209-223.

1979

Europa: uma herança responsabilizante para os cristãos. *Communio: Revista Internacional Católica*. Lisboa. Vol. 3 (1986), n. 2, p. 101-113 [Europa: verpflichtendes Erbe für die Christen. Tagung der Katholischen Akademie in Bayern: Europa und die Christen v. 28/19.4.1979. *Zur Debatte*. München. 9 (1979), p. 1-4].

1977

A Assunção de Maria à glória celeste. *Communio: Revista Internacional Católica*. Lisboa. Vol. 1 (1984), n. 4, p. 391-397 [Extraído de *Die Tochter Zion: Betrachtungen über den Marienglauben in der Kirche*, Einsiedeln: Johannes Verlag, 1977].

1972

Taufe und Formulierung des Glaubens. Trad. resumida: Venício Marcolino. *Didaskalia*. Lisboa, Vol. 2 (1972), n. 1, p. 23-37 (tradução resumida: p. 35-37).

1965

Implicações pastorais da doutrina sobre a colegialidade dos bispos. *Concilium* (1965) 1, p. 27-49.